

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES EVANGELISTA DE SOUSA

**O PAPEL DA MULHER NO CRISTIANISMO PRIMITIVO:
UMA LEITURA DO QUARTO EVANGELHO**

São Leopoldo

2012

MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES EVANGELISTA DE SOUSA

**O PAPEL DA MULHER NO CRISTIANISMO PRIMITIVO:
UMA LEITURA DO QUARTO EVANGELHO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e
Ensino da Bíblia

Orientador: Professor Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725p Sousa, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de
O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma
leitura do quarto evangelho / Maria da Conceição
Fernandes Evangelista de Sousa ; orientador Flávio
Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
70 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Mulheres no cristianismo. 2. Mulheres na bíblia.
3. Bíblia. N.T. João – Crítica, interpretação, etc. I.
Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

Este trabalho tem como tema “O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho”. Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre a literatura especializada no assunto. O aprofundamento do tema possibilitou uma compreensão das sociedades patriarcais da área do Mediterrâneo, no I séc. a.C e d.C, principalmente a sociedade judaica, greco romana e egípcia nas quais a dominação do homem sobre a mulher se dava de muitas maneiras. Na sociedade judaica pesava ainda as leis de pureza. Na sociedade greco romana essa dominação era legitimada pela crença de que as divindades determinavam os papéis sociais. Nesse contexto, surgiu o movimento de Jesus com uma prática social e religiosa que contrariava as leis do sistema patriarcal. Nesse movimento, conforme a literatura joanina registrada no quarto evangelho, as mulheres desempenharam um papel de protagonistas, tanto no movimento como na organização das primeiras comunidades. O quarto evangelho guardou a memória dessas mulheres aqui analisadas: Maria, mãe de Jesus nas Bodas de Caná antecipou a hora e introduziu Jesus no seu ministério público. Maria, novamente presente na hora da glorificação de Jesus na cruz, recebeu a nova comunidade representada na figura do discípulo ou discípula amada. A mulher samaritana, na beira do poço, com quem Jesus estabeleceu um diálogo, contrariando todos os costumes da época, torna-se a missionária dos samaritanos. Marta, a literatura joanina guardou a memória de sua profissão de fé semelhante à de Pedro nas comunidades apostólicas. Maria sua irmã, discípula, teve a atitude própria de discípula que na sociedade patriarcal era reservada só aos homens. Na comunidade joanina foi ela quem ungiu Jesus. Maria Madalena a primeira a ver Jesus ressuscitado e a testemunhar: “eu vi o Senhor”

PALAVRAS CHAVE: Patriarcalismo. Movimento de Jesus. Mulher discípula. Discipulado de iguais. Quarto evangelho. Discípula amada.

ABSTRACT

This work has the theme "The role of women in early Christianity: a reading of the Fourth Gospel." Bibliographical research was performed on the subject in question. The deepening of the theme enabled an understanding of patriarchal societies of the Mediterranean area, in the first century b.C and a.C., mainly Jewish society, Greco Roman and Egyptian in which the domination of men over women was given in many ways. In Jewish society still weighed purity laws. In Greco Roman society that domination was legitimized by the belief that the gods determined social roles. In this context, born the Jesus movement with a social and religious practice that is contrary to the laws of the patriarchal system. In this movement, as the Johannine literature recorded in the fourth gospel, women played a leading role both in movement and in the organization of the first communities. The fourth gospel keeps the memory of these women analyzed here: Mary, mother of Jesus at the Wedding at Cana anticipates the hour and introduces Jesus in his public ministry. Maria again present at the time of the glorification of Jesus on the cross, receives the new community represented in the figure of the disciple or beloved disciple. The Samaritan woman at the edge of the pit, with whom Jesus establishes a dialogue, against all the customs of the time, it becomes a missionary of the Samaritans. Marta, the Johannine literature keeps the memory of his profession of faith like Peter in the apostolic communities. His sister Maria, is a disciple, has the proper attitude of disciple, that in patriarchal society was reserved only to men. In Johannine community is she who anoints Jesus. Mary Magdalene the first to see the risen Jesus and testifies: "I saw the Lord".

KEYWORDS: Patriarchy. Jesus Movement. Woman disciple. Discipleship of equals. Fourth gospel. beloved disciple.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é Pai e Mãe, seio amoroso e acolhedor, que me chamou à vida e permanentemente me dá forças e me renova com o sopro da sua Divina Ruah.

Ao Valdo, pelo apoio, incentivo e carinho que me transmite com a sua alegria e disponibilidade. Partilhamos a vida, suas alegrias e dificuldades, sonhos, desafios e esperanças.

À Maira e Tayná, filhas queridas que me contagiam com a sua alegria e juventude e me incentivam a descobrir sempre as coisas bonitas e a não perder nunca o encantamento pela vida. Elas são caminho e raio de sol.

À Toninha, sobrinha querida, pela sua amizade e carinho. Sua alegria e solidariedade me contagiam.

À Damiana e Nice, mulheres de coragem e de luta, pela disponibilidade em contribuir para que eu pudesse ficar mais livre para o estudo, a pesquisa e assim, poder realizar este sonho.

Às minhas irmãs e irmãos, que no convívio do dia a dia dos nossos primeiros anos de vida, aprendemos e experimentamos juntas (os) a viver, o amor, a partilha, a solidariedade, a fraternidade e o respeito, valores fundamentais na construção de novas relações.

Ao meu orientador, professor Flávio Schmitt, sempre solícito desde o primeiro momento, em me acompanhar, orientando, sugerindo, questionando. Sua ajuda foi valiosa e fundamental para que eu conseguisse fazer esse trabalho com tranquilidade.

Aos professores e professoras da EST, pela seriedade e solidariedade em partilhar conhecimentos e saberes e pelo compromisso na construção de novas relações sociais.

Às e aos colegas do Mestrado Profissional, pelo carinho e respeito, que nos fizeram crescer juntas (os), nesse tempo de convivência em contato com a Palavra e por meio dela.

Às funcionárias e funcionários da EST, de maneira especial, as da biblioteca, que sempre estiveram disponíveis para nos ajudar.

Às comunidades, Escolas Bíblicas e grupos de reflexão, de Belém e do interior do Pará que nos desafiam a estudar e aprofundar sempre mais a Palavra.

Às mulheres de ontem e de hoje, que lutam e sofrem, muitas vezes discriminadas, silenciadas e tornadas invisíveis, mas nunca deixaram morrer o sonho de uma comunidade de iguais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 FORMAÇÃO DO QUARTO EVANGELHO	13
1.1 Características do Quarto Evangelho	13
1.2 Localização geográfica.....	24
1.3 Quem é o discípulo amado?.....	24
1.4 Síntese.....	26
2 A MULHER NAS SOCIEDADES DO MEDITERRÂNEO	29
2.1 A mulher no mundo judaico	29
2.2 A mulher no mundo greco-romano	32
2.3 A mulher no Egito	34
2.4 Síntese	35
3 A MULHER NO DISCIPULADO DE JESUS	37
3.1 Maria nas bodas de Caná.....	38
3.2 Maria ao pé da cruz.....	41
3.3 A mulher samaritana	42
3.4 Marta	47
3.5 Maria de Betânia	48
3.6 A mulher que ungiu Jesus	49
3.7 Maria Madalena	52
3.8 Síntese	60
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “O papel da Mulher no Cristianismo Primitivo: uma leitura do Quarto Evangelho” nasceu do desejo profundo de compreender como se deu a participação da mulher no Movimento de Jesus e de resgatar essa história do início do cristianismo onde a mulher teve um papel relevante tanto no discipulado de Jesus como na formação das primeiras comunidades.

Escolhi o quarto evangelho, por se tratar de uma literatura resultante da reflexão de uma comunidade que guardou com muito carinho o testemunho e o protagonismo das mulheres: a comunidade das discípulas amadas e dos discípulos amados, a qual procurou viver o discipulado de iguais e inaugurou uma forma nova de relacionamento, onde a mulher apesar das limitações impostas pela sociedade patriarcal da época pode ter o seu testemunho reconhecido e guardado com cuidado pela comunidade que está por trás desse evangelho. Tal comunidade guardou com fidelidade a memória de Jesus, e teve uma prática libertadora e revolucionária em relação à mulher, contrariando os costumes e as leis da sociedade patriarcal que oprimia, discriminava e marginalizava a mulher.

“Não se pode reconstruir a comunidade do discípulo amado sem levar em conta o lugar privilegiado que a mulher tem na história, na teologia e nos valores da comunidade.”¹ Para realizar este trabalho procurei ler na bibliografia indicada e na literatura bíblica e extra bíblica as informações sobre o assunto que me auxiliaram na compreensão do tema em estudo, na medida em que fui estabelecendo um diálogo com os autores e autoras pesquisados. Os textos bíblicos aqui utilizados foram retirados da Bíblia de Jerusalém e da Bíblia Sagrada (Edição Pastoral).

Este trabalho quer ser um aperitivo nessa busca investigativa, mas não se esgota em si mesmo, ele pede muito mais trabalho, muito mais pesquisa e aprofundamento, até porque para resgatar a história das mulheres nos primórdios do cristianismo é preciso olhar as linhas e entrelinhas do texto bíblico, juntar fragmentos espalhados na literatura bíblica e extra bíblica, para tentar juntar esses pedaços que as mãos de ferro do patriarcalismo conseguiram rasgar, destruir e manipular. Por isso, resgatar a história dessas mulheres que nos deixaram o testemunho da fé e do compromisso e foram discriminadas e silenciadas permanentemente no decorrer dos séculos é um trabalho de grande fôlego, que precisa ser empreendido sabendo

¹ RICHARD, Pablo. **Chaves para uma releitura histórica e libertadora**, Petrópolis, RJ, Vozes, 1994 p.10.

não ser tarefa fácil, porém necessária, se quisermos ser fiéis ao Deus da vida que criou a humanidade à sua imagem e semelhança, “homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Essa Palavra de Deus nos interpela, a nós mulheres de hoje, mas também aos homens, porque a história da salvação é uma história de amor, de aliança, de cumplicidade e de fidelidade de Deus com a humanidade que é homem e mulher e reconstruí-la como história de homens e mulheres, no mesmo pé de igualdade, é uma questão de fidelidade à Palavra e ao Projeto de Deus.

Para compreender melhor o papel da mulher nos primórdios do cristianismo procurei situar esse tema no contexto das sociedades mediterrâneas, do sec. I a.C. ao início do sec. II d. C., quando foi concluída a redação do quarto evangelho, observando como vivia a mulher na Palestina, no mundo greco-romano e no Egito, dentro da estrutura política, econômica, social, cultural e religiosa daquela época.

Para melhor desenvolver o tema, o trabalho foi dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo procuro fazer um estudo do quarto evangelho, porém, sem ter a pretensão de aprofundar, por ser de um conteúdo muito denso. Para isso, utilizei reflexões dos autores mais conhecidos que tratam do tema, procurando dar uma visão panorâmica do mesmo. Nesse estudo procurei mostrar algumas características e diferenças que distinguem esse evangelho dos evangelhos sinóticos, bem como sua divisão para efeito didático, as etapas da formação da comunidade assim como as etapas da sua redação, sua autoria, sua geografia, quem é o discípulo amado ou a discípula amada, enfim, as informações mais importantes sobre o autor, a data, o contexto, os conflitos que envolveram a comunidade joanina, sempre na perspectiva de resgatar um pouco dessa memória dos primórdios do cristianismo onde homens e mulheres aprenderam coletivamente sob o impulso do Espírito de Jesus e seguindo os seus ensinamentos, a viver o discipulado de iguais, onde o maior é aquele que é servidor de todos, o poder é serviço, e “a maior dignidade que se deve ambicionar não é nem a papal, nem a episcopal, nem a sacerdotal; a maior dignidade é a de pertencer à comunidade dos discípulos amados de Jesus Cristo.”²

No segundo capítulo apresento uma visão geral do contexto sócio-político-econômico e cultural-religioso das sociedades ao redor do Mediterrâneo, no sec. I a.C até ao início do sec.II, principalmente da sociedade judaica, greco-romana e egípcia, e a partir daí

² BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo, Paulus, 1999. p. 171.

analiso como vivia a mulher não só como categoria social, mas também no seu papel de discípula no seguimento de Jesus e a influência que essas sociedades exerceram sobre ela, pois pela posição estratégica da Palestina como terra cobiçada por outras nações, por ser corredor comercial, isto também favoreceu a influência de outras culturas e religiões e contribuiu para o surgimento de várias formas de cristianismo e, portanto, diversas formas de viver o discipulado de Jesus. Neste trabalho, porém, quero tratar a questão da mulher no discipulado de Jesus, com foco na vivência da comunidade de iguais, como espaço e experiência de novas relações sociais de gênero, que se contrapõem à dominação imposta pelo sistema patriarcal.

No terceiro capítulo, procurei resgatar a figura das mulheres citadas no evangelho de João, com exceção da mulher adúltera, por ser, segundo Brown, “uma inserção posterior e não joanina”³. Resgatar a memória histórica dessas mulheres com nome ou anônimas que deixaram suas pegadas nas comunidades cristãs das origens, foram parceiras de Jesus no anúncio da Boa Notícia, mas no processo de institucionalização do movimento de Jesus, por volta do início do Século II, foram sendo eliminadas permanentemente da memória histórica do cristianismo. Esse resgate da memória histórica das mulheres de ontem, não só como categoria social, mas também como discípulas, apóstolas, diáconas e missionárias é de fundamental relevância se quisermos entender melhor e reconstruir a história do cristianismo desde o seu nascimento. Assim, procuro fazer a memória dessas mulheres citadas pela comunidade joanina e através delas alcançar tantas outras, que embora anônimas ou silenciadas, deixaram suas marcas e seu testemunho como centelhas de luz a indicar às mulheres de hoje, o caminho do amor e da fidelidade ao projeto de Jesus.

Maria, a mãe de Jesus, a mulher que num casamento em Caná da Galiléia faz acontecer a hora, que introduz Jesus no seu ministério público antecipando a sua hora e fez acontecer o primeiro sinal. Jesus a chama “Mulher”, certamente porque o fato mais relevante para ele, não está ligado à sua maternidade física, mas ao compromisso de Maria como discípula. Na cruz quando chega a sua “hora”, a hora da sua glorificação, ela está presente. Ele novamente a chama: “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo.19,26). A presença de Maria no início e no final de sua missão reveste-se de um grande significado, que será analisado adiante.

A mulher samaritana, anônima, discriminada por ser mulher, samaritana, inimiga dos judeus. Ao se encontrar com ela, junto ao poço de Jacó, Jesus quebra barreiras e supera

³ BROWN, 1999, p.199.

preconceitos criados há séculos. Faz-lhe importantes revelações, como o de ser Ele o Messias esperado, aquele que dá a água viva, sacia todas as sedes, revela-lhe o lugar da adoração a Deus: agora não mais o monte Garizim ou o templo de Jerusalém, mas Jesus ressuscitado, a comunidade daqueles que acreditam na sua Palavra e vivem unidos a Ele como os ramos estão unidos à videira (Jo 15,5) e, a partir do diálogo, ela se transforma e se revela missionária junto ao seu povo.

Marta, irmã de Maria e de Lázaro, a mulher que na comunidade joanina faz a profissão de fé: “Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo.” (Jo 11, 27). É a mesma profissão de fé que os evangelhos sinóticos colocam na boca de Pedro. O fato de ser uma mulher a fazer esta profissão de fé e não um homem tem um significado muito profundo e revela que as mulheres tinham um papel muito importante nas primeiras comunidades e a comunidade joanina registrou e guardou com fidelidade a memória histórica desse papel social da mulher.

Maria, irmã de Marta e Lázaro, da comunidade dos discípulos amados e das discípulas amadas. Ela é o exemplo da verdadeira discípula. Também com ela Jesus tem uma prática que quebra a lógica da sociedade daquela época, onde só os homens podiam ser discípulos. É a discípula que unge Jesus com nardo puro. Esse gesto acontece no aconchego da família daqueles “que Jesus amava”, na casa de Maria, Marta e Lázaro, num momento alegre e festivo de um jantar, em Betânia, lugar onde Jesus ia com frequência, e certamente compartilhava os assuntos das suas jornadas missionárias.

A mulher que unge os pés de Jesus - No Evangelho de João esse gesto de lavar os pés é atribuído à Maria, a discípula que Jesus amava. Aqui ela tem nome. Seu gesto é simbólico e reveste-se do significado de ser um gesto próprio daquela que está a serviço do Reino, no discipulado. Ela faz parte, portanto, da comunidade que Jesus amava. Nos Evangelhos sinóticos esse mesmo gesto é lembrado. Mas o curioso é a mudança do cenário e da atora. Os Evangelhos sinóticos mencionam a mulher que ungiu Jesus, mas essa mulher não tem nome. Marcos registrou que Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso e uma mulher anônima entrou enquanto faziam a refeição, ela quebrou um vidro de perfume de nardo puro muito caro e derramou-o na cabeça de Jesus e não nos pés, preparando-o para a sepultura. Esse gesto comoveu Jesus e ele afirmou: “em todo mundo onde for proclamado este evangelho será lembrado o que ela fez para memória dela (Mc 14,19). Em Mateus (26,6-13) a cena se repete. No mesmo lugar, e Jesus faz a mesma promessa. Lucas registra esse fato na

casa de um fariseu, uma mulher considerada pecadora pública lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugou com os seus cabelos, cobriu-os de beijos e ungiu-os com perfume. Jesus lhe diz que os seus pecados estão perdoados porque muito amou. (Lc 7,36-50).

Maria Madalena, a primeira testemunha da ressurreição de Jesus. Aquela que por primeiro viu o túmulo vazio, foi avisar os discípulos e voltou para o jardim. Foi a mulher que testemunhou “eu vi o Senhor” (20,18). Que dizer dessa mulher que teve uma importância tão grande no movimento de Jesus e principalmente na hora da dor, do sofrimento e da morte de Jesus e na sua ressurreição? Ela teve um papel relevante na história do cristianismo, a ponto de ser chamada de Apóstola *Apostolorum* pelas comunidades primitivas. Teve sua pessoa confundida propositalmente com prostituta e assim é lembrada até hoje como “a pecadora arrependida”.

Resgatar a história dessas mulheres e reescrever uma nova história, onde homens e mulheres possam aprender coletivamente a ser parceiros na construção do Reino reveste-se de fundamental importância, se quisermos de fato, conhecer e viver a nossa própria vocação, de homens e mulheres criados à imagem e semelhança de Deus. Segundo Leonardo Boff, “a mulher e o feminino derivado dela foram durante séculos relegados a uma função subalterna na compreensão do ser humano e na organização da sociedade. Sem a integração consciente do feminino ficamos todos mais pobres”.⁴ Portanto, para entender melhor a nossa vocação de ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, precisamos sempre e permanentemente lutar contra todos os mecanismos de opressão e dominação da mulher que atentam contra a sua dignidade, porque a mulher segundo ainda o mesmo autor,

Revela e historicamente concretiza valores, dimensões do humano e promessas que nos dão alguma idéia do que seja o mistério de Deus. Sem ela saberíamos menos de Deus. Ela é caminho de uma forma própria e insubstituível. Toda vez que a mulher é marginalizada na Igreja se perturba nossa experiência de Deus; empobrecemo-nos e nos fechamos a um sacramento radical de Deus; ao mesmo tempo recalamos dentro de nós uma profundidade que existe e atua dentro de cada ser humano: a estrutura feminina que não é exclusiva da mulher, mas constitui uma dimensão de todo o ser humano em densidades e concretizações diferentes e próprias a cada sexo.⁵

A esperança é de que este trabalho, ao procurar fazer o resgate da participação da mulher no movimento de Jesus a partir do quarto Evangelho, favoreça a compreensão do papel social do patriarcado como instrumento que determinou a fragmentação e o esmigalhamento da memória da participação feminina na história do cristianismo, tendo

⁴ BOFF, Leonardo. **A Ave Maria. O feminino e o Espírito Santo**. São Paulo. Vozes, 2009, p. 14.

⁵ BOFF, 2009, p.14.

presente que “a Bíblia não é neutra, foi escrita e interpretada dentro do paradigma patriarcal, e precisa de muita atenção e vigilância para se descobrir os sentidos ocultos. Os textos devem ser entendidos em seus contextos e comparados com os nossos contextos hoje”.⁶ Mas ao mesmo tempo pretende-se com este trabalho resgatar uma característica importante da Comunidade do Discípulo Amado, que foi o registro da participação feminina no movimento de Jesus, apresentando a mulher como protagonista e exemplo de discípula, como aquela que segue, serve e sobe (Mc 15,41.). A mulher, que quando todos os discípulos homens fugiram com medo dos judeus, está lá ao pé da cruz, ao lado de Jesus: sua mãe, a irmã dela, Maria mulher de Cléofas e Maria Madalena. Que este trabalho seja uma contribuição na construção de novas relações sociais entre homens e mulheres, na construção de uma nova sociedade.

⁶ TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis. Vozes, 1990, p.11.

1 FORMAÇÃO DO QUARTO EVANGELHO

O quarto evangelho como se apresenta hoje é fruto de um trabalho de muitos anos. As comunidades que dão origem a esse evangelho começam a se organizar na Galiléia logo depois da morte e ressurreição de Jesus, reunidas ao redor do testemunho principalmente das mulheres galiléias e de modo especial de Maria Madalena. É uma comunidade aberta, onde vão fazendo parte discípulos de João Batista, samaritanos, helenistas e certamente muitas mulheres e crianças. Essas comunidades procuram fazer a experiência do discipulado de iguais, tendo como características o amor, a partilha, a solidariedade e o exercício do poder como serviço, tendo presente o testemunho do discípulo ou da discípula amada.

O quarto evangelho revela

uma cristologia elevada, única, refletindo o tipo de fé em Jesus que veio a ser aceita no cristianismo joanino. A Palavra que existia na presença de Deus antes da criação, tornou-se carne em Jesus, vindo ao mundo uma luz (1,1-14); ele pode revelar Deus porque ele é o único que desceu do céu e viu a face de Deus e ouviu a sua voz; ele é um com o Pai, de modo que vê-lo é ver o Pai (14,9) na verdade ele pode falar como o divino 'EU SOU'.⁷

Nele Jesus saiu de junto de Deus onde sempre existiu e após cumprir sua missão para a qual foi enviado, ele volta para Deus.

1.1 Características do quarto evangelho

O quarto evangelho é fruto da caminhada, da reflexão e do testemunho da comunidade do discípulo amado ou da discípula amada. Sua escrita começa por volta da primeira metade do primeiro século e termina no início do segundo século. O quarto Evangelho guarda a memória de uma relação igualitária de gênero entre Jesus e as mulheres. Essa é uma característica que distingue este evangelho dos sinóticos. Enquanto nos sinóticos a mulher está sempre numa posição dependente, indefesa, precisando de ajuda, no quarto evangelho as mulheres são protagonistas, elas não só aparecem ajudadas por Jesus, mas elas se relacionam com ele de igual para igual, ajudando-o a descobrir e realizar sua missão e até apressar a sua hora.

O quarto evangelho ressalta a mulher como discípula, provavelmente por duas razões históricas: por um lado, como protesto contra a tendência patriarcalizante na institucionalização da Igreja no período subapostólico (1Tm 2,9-15). A tradição do discípulo amado, fundada sobre a memória de Jesus, reflete um modelo de Igreja onde a mulher tem relevância e liderança eclesial. Por outro lado, é possível que o

⁷ BROWN, 1999, p.46-47.

quarto evangelho privilegia a participação da mulher por corresponder à situação sócio-religiosa da própria comunidade.⁸

João lembra as mulheres como aquelas que abriram caminhos e deixaram sua marca nas origens do cristianismo. A única narrativa de mulher que foge a essa regra, é a da mulher adúltera, (7,53- 8,11), que de acordo com Brown “é uma inserção posterior e não joanina, no evangelho.”⁹

Kümmel evidencia algumas diferenças entre o evangelho de João e os sinóticos, como sejam:

Os sinóticos concluem a atividade missionária de Jesus na Galiléia e nas proximidades, com uma única viagem a Jerusalém que termina com sua crucificação e morte, enquanto na descrição de João, Jesus vai três vezes da Galiléia a Jerusalém (2,13-5,1;7,10). Para o evangelista Marcos, a permanência de Jesus em Jerusalém durou mais ou menos uma semana, enquanto para João, Jesus permanece em Jerusalém e na Judéia a partir de 7,10.

A permanência de Jesus em Jerusalém, segundo João, começa com a festa das tendas (7,2), continua com a festa da Dedicção (10,22) e vai até à Páscoa de sua morte, portanto, cerca de meio ano. A atividade de Jesus de acordo com Jo 2-19 se desenvolve por mais de dois anos, dos quais o último meio ano passou em Jerusalém e na Judéia.¹⁰

Ainda de acordo com Kümmel,

João é diferente dos sinóticos não só pela estrutura de sua descrição e apresentação, mas também pelo material utilizado. Apresenta algumas narrativas em comum com os sinóticos como a vocação dos discípulos, a cura do filho do oficial romano, a multiplicação dos pães e a caminhada sobre as águas, a confissão de Pedro, a entrada em Jerusalém, a última ceia com a profecia da traição e algumas passagens da narrativa da paixão. A purificação do templo e a unção de Betânia, tem correspondentes nos sinóticos, mas se encontram em outros contextos. João, porém, usa um material que é só seu, e que não aparece nos sinóticos, como sejam, as histórias de milagres, que ele chama de sinais: as bodas de Caná, a cura do paralisado na piscina de Betesda, a cura do cego de nascença, e a ressurreição de Lázaro; as narrativas sobre Nicodemos e a mulher samaritana.¹¹

No quarto evangelho é Jesus quem se revela e ele não vem ensinar coisas fora da realidade, “revela o sentido profundo de sua prática e no estilo dos profetas, por palavra e ação, ensina que o que ele faz é o que viu junto do Pai. E sua ação principal é dar a própria vida.”¹² Esses ensinamentos tem um conteúdo muito profundo que na hora os discípulos não conseguem compreender, só no final eles vão perceber que ele agora fala claramente, sem

⁸ RICHARD, 1994 p..10.

⁹ BROWN, 1999, p.195.

¹⁰ KÜMMEL, Verner Georg. Introdução ao Novo Testamento. 4. ed. Paulus, 2009, p. 253-254.

¹¹ KÜMMEL, 2009, p.254.

¹² KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade – (Comentário bíblico). Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000, p.21.

comparações e isso demonstra também que esse evangelho foi escrito para as pessoas que já estavam trilhando o caminho da fé, principalmente para as comunidades joaninas, que a partir do seu testemunho de fé e comprometimento com a proposta de Jesus, homens e mulheres buscavam no dia-a-dia aprender o caminho do discipulado.

Enquanto os sinóticos se referem sempre ao “reino de Deus”, João usa a expressão “vida eterna”. Isto tem um significado profundo, porque Jesus é aquele que dá a vida eterna, porque ele próprio é a vida eterna e evita a palavra “reino”, talvez para não trazer alguma lembrança saudosa que faça renascer a esperança da restauração do trono de Davi, evitando a ideologia do messias triunfante que contraria o seu projeto de messias servo sofredor como mostra Isaías 53, no quarto cântico do Servo Sofredor.

De acordo com Pablo Richard, a comunidade joanina surgiu entre os anos 30 a 50 ao redor do testemunho do discípulo amado que ao fazer a sua experiência de discipulado foi anunciando o kerigma, a partir daquilo que entendia ser a mensagem de salvação, que Jesus ressuscitado é o Filho de Deus, o enviado do Pai. “Esta pregação levou muitas pessoas a se tornarem seguidoras e seguidores de Jesus e ir se reunindo aos poucos, formando comunidades”.¹³ Esse período começa logo após a ressurreição de Jesus, por volta do ano 30, que não deve ser confundido com as fases da redação do evangelho.

O quarto evangelho não surgiu de uma vez, mas foi um processo lento, em que a comunidade joanina foi refletindo e amadurecendo essa reflexão, até chegar ao texto que se tem hoje. Na visão de Rubeaux,

Esse evangelho é o resultado de uma história redacional muito longa, durante a qual, várias mãos ajudaram a escrever, talvez por isso, existam acréscimos explicativos ou doutrinários, com rupturas e até contradições, como duas conclusões (20,30-31 e o capítulo 21), até a primeira conclusão no capítulo 20, 30-31, estão organizados sete sinais que culminam com a ressurreição de Lázaro, onde a glória de Deus é manifestada e muitos crêem nele e no capítulo 21 é inserida a pesca milagrosa como um oitavo sinal, quebrando a estrutura organizacional do evangelho, mas apesar dessas inserções e rupturas, “o texto que se apresenta a nós hoje, é um texto de uma certa unidade, quanto ao seu vocabulário e suas reflexões teológicas”.¹⁴

Os evangelistas não tiveram o objetivo de fazer uma narração histórica, mas de fazer interpretações teológicas que ajudassem suas comunidades a viver sua fé dentro de uma sociedade que apresentava uma lógica que contrariava a lógica do Reino. Assim foi surgindo

¹³ RICHARD, 1994, p. 24

¹⁴ RUBEAUX, Francisco, As raízes do Quarto Evangelho. In: **Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana**. n. 22 1995/3, p.61

também o evangelho de João. “O Evangelho de João teve duas edições. Na segunda foi acrescentado não apenas o capítulo 21, mas também, o segundo discurso de despedida, além de outros textos – como a reinterpretação e o aprofundamento do primeiro discurso de despedida.”¹⁵

João trata de alguns assuntos que são apresentados também pelos sinóticos, mas se diferencia deles,

não somente pelo quadro cronológico e pelo plano geográfico que dá à narração da vida de Jesus, mas, sobretudo, por perspectivas teológicas diferentes. Trata-se de uma meditação em profundidade sobre os eventos centrais da história da salvação. Seu desígnio é por em evidência a identidade entre o Jesus histórico e o Cristo presente em sua Igreja.¹⁶

Para Brown “o evangelho de João apresenta uma teologia de grande beleza e profundidade que serve de chave para abrir a vida da Igreja de trinta a sessenta anos depois da morte de Jesus.”¹⁷

Segundo Kümmel, o evangelho de João está dividido em duas partes principais:

A primeira fala da atividade de Jesus no mundo, (Jo 1,19 – 12,50); a segunda fala do seu retorno ao Pai (13,1-20,29). Tem um prólogo (1,1-18) que está no início e um suplemento, cap. 21. No prólogo está condensada toda a mensagem, o conteúdo que será desenvolvido no resto do livro. Para João, Jesus é o Filho unigênito que saiu do Pai e está sempre voltado para o Pai, portanto, ele é o único capaz de nos explicar quem é o Pai (1,18). O prólogo é um hino que “proclama a encarnação em Jesus Cristo do Logos divino que existiu desde o princípio. Jesus trouxe graça e verdade e, como único, Deus por natureza, tornou Deus conhecido. No meio do prólogo (1,5-8,15) fala-se de João Batista.”¹⁸

Ainda conforme Kümmel:

A primeira parte começa com o testemunho de João Batista a respeito de Jesus (1,9-34), e relata a vocação dos primeiros discípulos de Jesus (1,35-51), as Bodas de Caná (2,1-11), onde Jesus realiza o seu primeiro sinal transformando a água em vinho, manifestando a sua glória. A primeira Páscoa, em Jerusalém: a purificação do Templo (2, 12-22), estada em Jerusalém (2,23-25); o encontro com Nicodemos (3,1-21); ministério de Jesus na Judéia e o último testemunho de João Batista (3,22-30); Jesus entre os samaritanos (4,1-42); Jesus volta para a Galiléia, realiza o segundo sinal, a cura do filho de um funcionário real (4,46-54). Jesus vai à Jerusalém, para uma festa judaica, cura um paralítico na piscina de Betesda, faz um discurso sobre as obras que o Filho faz (5,1,18-47). Antes da Páscoa volta para a Galiléia (6,4). A multiplicação dos pães (6,1-13). Jesus vem ao encontro de seus discípulos, caminhando sobre o mar (6,14-24). Discurso na sinagoga de Cafarnaum e discussão com os judeus sobre o “pão da vida” (6,25-59). Abandono de alguns discípulos

¹⁵ THEISSEN, Gerd. **O Novo Testamento**. Tradução de Carlos Almeida Pereira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 113.

¹⁶ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. 11. ed. São Leopoldo, Sinodal, 2008, p. 31.

¹⁷ BROWN, 1999, p. 9-10.

¹⁸ KUMMEL, 2009, P.246-247.

(6,60-66), Pela voz de Pedro reconhecem-no “o Santo de Deus”, Jesus profetiza a traição de Judas (6,67-71), Jesus sobe a Jerusalém para a festa e dá ensinamento (7,1-13), discute com os judeus sobre a sua missão (7,14-30); Jesus anuncia sua próxima partida (7,31-36); promete a água viva (7,37-44); discussões sobre a origem do Cristo (7,45-52); Jesus luz do mundo, discussão sobre o testemunho que Jesus dá de si mesmo, Jesus e Abraão, (8,12-59); (7,53-8,11, a mulher adúltera, é uma interpolação) . Cura de um cego de nascença (9,1-41); o Bom Pastor (10,1-21); A festa da Dedicção e a decisão de matar Jesus, porque ele se declara filho de Deus, Jesus se retira de novo para o outro lado do Jordão (10,22-42); Ressurreição de Lázaro (11,1- 44); Os chefes judeus sentenciam a morte de Jesus (11, 45-53). Fim do ministério público de Jesus; a última páscoa: aproximação da Páscoa (11,54-57); a unção em Betânia (12, 1 -11).. Entrada messiânica em Jerusalém (12,12-19). Jesus anuncia sua glorificação através da morte (12,20-36). Conclusão: a incredulidade dos judeus (12,36b-43), sinopse isolada da pregação de Jesus (12,44-50).¹⁹

A segunda parte faz referência às atividades de Jesus no seu retorno para o Pai, de onde saiu.

Os cap. de 13 a 17 são fundamentais, eles lembram a hora de Jesus e a Páscoa do Cordeiro de Deus: a última ceia, o lava-pés (13,1-20), o anúncio da traição de Judas (13,21-30); a despedida (13,31-16,33) – a despedida, o mandamento do amor, alusão à negação de Pedro, Jesus conforta seus discípulos: ele retorna para o Pai, mas voltará para eles mediante o Espírito Santo (cap.14).; a verdadeira videira , os discípulos e o mundo (15,1-16,4a); a vinda do Paráclito (16,4b-15); anúncio de um breve retorno (16,16-33); oração de despedida, cap.17: pedido de glorificação, intercessão pelos discípulos, e por aqueles que haveriam de crer mediante a pregação deles, oração para a unidade juntamente com o Glorificado. Os cap. 18 e 19 mostram a missão de Jesus levada até ao fim. A paixão: a prisão de Jesus, Jesus diante de Anás e Caifás, negação de Pedro, Jesus diante de Pilatos, flagelação, coroação de espinhos, a condenação à morte, crucifixação e morte de Jesus, o golpe de lança, sepultamento. Cap 20 – fala da Ressurreição: (20,1-29): Aparição do Senhor Ressuscitado, o túmulo vazio, o encontro com Maria Madalena, Jesus ressuscitado com os discípulos, sem Tomé e depois com Tomé.

Cap. 20,30-31 é a conclusão, na qual o autor indica a finalidade do livro: Jesus fez ainda muitos sinais diante de seus discípulos que não estão escritos neste livro.”Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31).

Cap. 21: é um suplemento. Trata da aparição de Jesus à margem do lago de Tiberíades, o Ressuscitado aparece a Pedro e ao Discípulo Amado, a identificação do Discípulo Amado com o Autor e a segunda conclusão.²⁰

Outros autores propõem outra forma de organização. Por exemplo, Rubeaux faz a seguinte divisão: Prólogo (1,1-18); Livro dos Sinais (1,19 a 12,50); Livro da comunidade (13,1 a 17,26); Livro da Realização (18,1 a 20,31) e o Epílogo (21,1-25).²¹

O gênero literário que João usa é de evangelho, assim como os sinóticos, e está entre a narrativa e o drama. Seu estilo poético e solene, evidenciado principalmente no Prólogo e

¹⁹ KÜMMEL, 2009, P.246-247.

²⁰ KÜMMEL, 2009, p. 248.

²¹ RUBEAUX, Francisco. **Mostra-nos o Pai**. Uma leitura do quarto Evangelho. Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, p.11.

em seus discursos respectivamente, tecidos cuidadosamente, transformam o quarto evangelho numa obra de leitura agradável, embora não seja de tão fácil entendimento. Sobre ele nos diz Brown “João é um evangelho no qual estilo e teologia estão intimamente tecidos. Em João, Jesus fala mais solene do que nos sinóticos”.²² Segundo sua explicação “tirada do AT o discurso divino por meio dos Profetas, ou a Sabedoria divina personificada, é poético. Em João, Jesus saiu de Deus, portanto, suas palavras são mais solenes e rituais”.²³ Ele possuía a glória com seu Pai antes que o mundo fosse criado. Ninguém viu Deus até então, mas Jesus veio de Deus, portanto, quem viu Jesus viu o Pai (14,9). Para João, Jesus é o Filho Unigênito de Deus, preexistente antes de toda a criação e aí reside a fonte de sua sabedoria e de seu poder e as bases da eclesiologia joanina.

Embora provindo de Deus, Jesus é o Logos, a Palavra de Deus pré-existente, mas agora encarnada e ao vir ao mundo assumiu a “condição humana” (Fl 2,7), e vem revelar à humanidade o que viu e ouviu quando estava junto do seu Pai, portanto precisa usar palavras e parâmetros humanos para transmitir sua Boa Nova, de maneira que as pessoas possam entender, por isso, João utiliza muitos símbolos, linguagem figurada e metafórica, pois só as palavras não conseguem traduzir em profundidade o conteúdo que ele quer transmitir.

O simbolismo e a linguagem sóbria, usando poucas palavras para dizer muitas coisas, resultam que vários termos sejam ambíguos para os de fora, mas não para aqueles que já estão iniciados na fé e que são de dentro e estes sabem mais que os de fora e “os de fora precisam aprender, ainda que sejam mestres em Israel como Nicodemos’(3,11), entrar e conhecer, ‘Mestre onde moras?’ –‘Vinde e vede’ (Jo 1,39).²⁴

De acordo com Konings,

João algumas vezes traz termos traduzidos do hebraico-aramaico para o grego, como, rabbi, messias, Kefas, rabbûni, etc, escrevendo em grego, para os leitores de língua grega, mas guardando alguns termos na tradição de sua comunidade, em aramaico, que era o idioma falado por Jesus e os primeiros discípulos e discípulas.

João é mentalmente bilíngüe. Sente e pensa em categorias semíticas ou judaico-bíblicas, enquanto escreve no grego comum, chamado Koiné, que podia ser lido por judeu ou sírio que viviam nas cidades do mundo helenístico. Por exemplo, na primeira frase do Prólogo, João ao falar do logos (palavra ou verbo) ele o faz tendo em vista as categorias do Antigo Testamento, e nada tem a ver com o logos da filosofia grega (razão), embora esse termo fosse ouvido nas praças pelos discursos dos filósofos”.²⁵

Ainda segundo Konings:

²² BROWN, Raymond. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 107

²³ BROWN, 2004, p. 108

²⁴ KONINGS, 2000, p. 23

²⁵ KONINGS, 2000, p. 23.

João usa muitos textos do Antigo Testamento: da Torá, dos Profetas, da Sabedoria, às vezes usa diretamente, outras vezes por meio da leitura e da homilia da Sinagoga judaica, na qual tem raízes, a comunidade joanina. A Sinagoga era o lugar de oração e do aprendizado das Escrituras e isso era feito a cada sábado pela leitura contínua de um trecho da Torá lido em hebraico, e seguida pela paráfrase aramaica, chamada Targum, complementada por trechos dos profetas e feitos os comentários homiléticos. Na diáspora era usada para a leitura, a tradução grega da Bíblia, a Septuaginta (LXX). Embora nem sempre fique claro, se João ao citar o AT está se referindo ao texto hebraico ou a leitura do midrash, que é a explicação homilética do sentido.²⁶

Por volta do final do século I e início do século seguinte, alguns escritores do NT usavam imagens de Jesus como construtor, pedra angular da igreja, fundador, porém essas imagens parecem presença do passado, que fez, construiu, fundou, pedra que ficou inerte na construção, sem vida, etc. João procura usar imagens que simbolizem vida, dinamismo, presença atuante. Para ele, Jesus é a videira e os cristãos são os ramos que precisam estar ligados à videira e dela receber a seiva, que alimenta e faz florescer a vida abundante. Jesus é o pastor que cuida de suas ovelhas, do rebanho que lhe pertence, conhece as suas ovelhas, e elas o conhecem, ele as chama pelo nome e elas conhecem a sua voz, respondem ao seu chamado e o seguem. Para ter a vida em si permanentemente é preciso seguir o pastor, ouvir sua voz, estar unido a Ele como os ramos à videira e por sua seiva ser alimentada. (Jo 10,28;15,2-6). Não basta só crer em Jesus, mas a comunidade precisa permanecer unida a Ele, para que tenha vida em abundância, dando bons frutos, num processo vivo, operante e permanente.

Entre as particularidades que aparecem no evangelho de João, que o distingue dos sinóticos, Ruben evidenciam principalmente duas: a alta cristologia e a presença do Espírito Santo, ao dizer que:

A cristologia joanina revela um aprofundamento muito grande da pessoa de Jesus. O EU SOU constantemente atribuído a Jesus revela uma tomada de consciência de que o Profeta de Nazaré não só é o Messias mas também o Filho de Deus, Deus mesmo: EU SOU. Sua cristologia é fruto de uma longa meditação à luz do Espírito.²⁷

Enquanto o livro dos Atos dos Apóstolos também chamado de “evangelho do Espírito Santo”, mostra a presença do Espírito na Igreja e a partir dela,

o evangelho de João procura revelar quem Ele é como pessoa divina procedente do Pai e do Filho. Assim, para João “o Espírito faz agir, mas sobretudo faz ser discípulo(a), filho(a) de Deus. Esta presença marcante do Espírito Santo na comunidade, a ponto de ser apresentado como o substituto de Jesus e descrita a sua ação nos mesmos termos em que fora descrita a ação de Jesus (Jo 14,26 e 8,42), revela um estágio cronológico mais avançado, e a comunidade tomou consciência

²⁶ KONINGS, 2000, p. 25.

²⁷ RUBEAUX, 1995 p. 69

que o seu Senhor não há de voltar agora, e que lhe é necessário caminhar neste mundo na força, na luz e no impulso do seu Espírito, como Ele caminhou e realizou sua missão.²⁸

Ao concluir o seu evangelho, ele afirma o objetivo pelo qual escreveu: “Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais. Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (Jo 20, 30-31).

Segundo Konings,

o quarto evangelho quer ser lido ou escutado como o testemunho apostólico de que Jesus é o Messias e Filho de Deus, para que na firmeza dessa fé o ouvinte tenha “vida” (20,31). Esse testemunho fala diversas vezes da missão e, sobretudo, apresenta Jesus como o grande Enviado do Pai.²⁹

A comunidade joanina tem seu início logo depois da morte e ressurreição de Jesus com os discípulos e discípulas do Senhor, Maria sua mãe e alguns discípulos de João Batista, que durante uns vinte anos testemunharam aquilo que tinham visto e ouvido de Jesus, principalmente sua Paixão, Morte e Ressurreição, foram transmitindo oralmente e escrevendo sobre o núcleo central: sua Paixão, Morte e Ressurreição. Esse testemunho foi guardado com carinho e transmitido com cuidado e fidelidade.

De acordo com Richard, a história da tradição oral e escrita do evangelho e das cartas de João vai do ano 30 até o começo do II século, dividida em quatro fases:

Primeira fase: é chamada a era pré-evangélica, é a era das origens, que vai desde a formação da comunidade ao redor do testemunho do discípulo amado ou da discípula amada, por volta dos anos 30 a 50. É o período do anúncio da mensagem, da oralidade, da adesão de novos membros, pela aceitação do anúncio de Jesus como o Messias enviado, como Jesus se revelou à samaritana. Nessa primeira fase a comunidade afirma a sua identidade própria com sua fidelidade radical à memória de Jesus e à radicalidade ao seu seguimento.

Rubeaux diz que:

antes de 70 existe o testemunho oral e ao redor destas testemunhas oculares organiza-se um grupo que vai fazendo a memória e atualizando e aos poucos vão escrevendo para guardar viva essa memória e é possível que nesse período já houvesse um esboço escrito provavelmente o livro da paixão, morte e ressurreição de Jesus, incluindo a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a expulsão dos vendilhões do templo e a unção na casa de Betânia, textos que se referem à

²⁸ RUBEAUX, 1995, p.69.

²⁹ KONINGS, 2000, p.56.

conversão dos samaritanos (Jo 4), à vocação dos primeiros discípulos, o sinal da multiplicação dos pães e o andar de Jesus sobre as águas.³⁰

Ainda seguindo a reflexão de Rubeaux,

Na época da perseguição dos helenistas (At 8, 1-2) ou então durante a guerra contra Roma, o grupo se muda para o norte da Palestina e chega até Antioquia, onde dá continuidade à sua reflexão, expressando sua fé diante de novos grupos e novas circunstâncias.³¹

Ao referir-se a esse período entre os anos 50-70, Richard nos dá mais informações como sejam:

Nesse período, há a reação contra a Lei e contra o Templo, a acolhida aos samaritanos, conflitos com os discípulos de João Batista, cristãos judeus e cripto cristãos. Começa a elaboração de uma alta cristologia baseada na preexistência de Jesus e as comunidades joaninas vivem o Batismo e a Eucaristia e isso é uma marca que vai distingui-las de outros grupos e dar-lhe uma fisionomia diferente, principalmente com o ato de entrarem para a comunidade cristãos judeus que eram contrários ao templo e os samaritanos convertidos.³²

Para Brown, em João, “Jesus continua a dar a luz da fé e o alimento da vida eterna através dos sinais do batismo e da eucaristia. Jesus não é simplesmente aquele que instituiu os sacramentos da igreja; ele é o doador da vida que permanece ativo nos sacramentos e através destes.”³³

Ainda segundo Brown, João mostra que:

no diálogo com Nicodemos (3,3-6) Jesus explica que a vida eterna é dada através da geração/nascimento com a água e com o Espírito e enquanto os outros autores do NT falam da eucaristia como de memorial de Jesus, em que é proclamada a morte do Senhor até que ele venha, João ressalta a eucaristia como alimento, e no diálogo com os judeus depois da multiplicação, Jesus explica que esta vida eterna é alimentada pela sua carne e pelo seu sangue”.³⁴

E ainda sobre a eucaristia, continua Brown:

Os temas de Jo 6,35-51 estão numa linguagem que evoca a eucaristia “O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo (Jo6,51b), pode muito bem ser a fórmula eucarística joanina comparável a “Isto é o meu corpo que é dado por vós”(Lc 22,19 e 1Cor11,24). Tomadas como um todo, as duas partes do discurso em Jo 6 revelam que Jesus alimenta seus seguidores tanto por meio de sua revelação quanto de sua carne e sangue eucarísticos”.³⁵

³⁰ RUBEAUX, 1995, p. 71-72

³¹ RUBEAUX, 1995, p. 72

³² RICHARD, 1994, p.139.

³³ BROWN, Raymond. **As Igrejas dos Apóstolos**, São Paulo, Paulinas, 1986, p.113.

³⁴ BROWN, 1986, p.112-113.

³⁵ BROWN, 2012, p. 474-475.

De fato, “em Jo 6 e 9, é mostrado como Jesus durante a sua vida terrena, alimentou os famintos e deu a vista aos cegos, por meio de feitos maravilhosos que eram sinais de uma realidade celeste.”³⁶

Segunda fase – Entre os anos 50 a 70, é o tempo da fidelidade radical à memória de Jesus. A comunidade joanina vive um período de grande perseguição e começa a escrever o seu evangelho, porém Rubeaux, diz que eles vão escrever o evangelho a partir deste esboço já escrito anteriormente. O judaísmo neste período anterior à destruição do templo, portanto anterior aos anos 70 era pluralista e mais tolerante,

Terceira fase – Compreende o período entre 70 a 90 mais ou menos. Com a guerra judaica o templo é destruído e o judaísmo desestruturado. Nesse período, por volta do ano 85 acontece a assembléia de Jâmnia que busca reestruturar o Judaísmo, tornando-o cada vez mais intolerante com as pessoas que reconhecem Jesus como Cristo. Com a hegemonia farisaica e das sinagogas, ele se torna intolerante e expulsa os cristãos das sinagogas. Com a perseguição dos judeus e do mundo (Jo 12,20-22), a comunidade entra em crise. Época de conflitos teológicos, eclesiais e sociais que vão influenciar o texto já existente. Essa situação de crise vivida pelas comunidades joaninas leva a uma divisão dentro da comunidade que se dá por conta de dois grupos dos discípulos de João que tem divergências quanto à interpretação do evangelho, no que se refere à cristologia, à ética, à escatologia e à pneumatologia. Abalados nas suas convicções e ameaçados na sua identidade, na busca de solução para essa crise, são feitos acréscimos ao evangelho e a insistência numa alta cristologia que confronta com as igrejas apostólicas. É importante lembrar, que o fato dos cristãos joaninos ao serem expulsos das sinagogas por acreditarem que Jesus “saiu de Deus” e que com Ele é um só, fez com que eles aderissem a essa alta cristologia.

Quarta fase – De (100 a 120) A comunidade está em crise, provavelmente provocada pela corrente helenizante e gnóstica que quer espiritualizar a memória de Jesus. Por volta do ano 100 são escritas as cartas João I e II e a dissolução dos dois grupos joaninos após as epístolas serem escritas. Os grupos opostos seguiram caminhos diferentes e tenderam já no início do século segundo, para o docetismo, gnosticismo, cerintianismo e o montanismo, levando consigo o quarto evangelho.

A comunidade joanina, agora enfraquecida pelas contendas e divisões internas, não sendo tão fácil a aceitação pelas comunidades apostólicas, encontra em sua frente um novo

³⁶ BROWN, 1986, p.113.

caminho e parece não ter outro, diante do momento histórico que ela estava vivendo, a não ser, pouco a pouco ir sendo integrada na grande Igreja sob a autoridade apostólica, reconhecendo a primazia de Pedro. Esse passo foi muito importante, porém foi difícil, para as comunidades joaninas, pois vão sendo absorvidas aos poucos e para sempre pela grande Igreja, e vão desaparecendo, mas deixaram o seu evangelho como testemunho para que as comunidades de tradição apostólica assumam esse novo desafio, de viver o discipulado de Jesus no amor e no serviço, até a entrega total da própria vida, conscientes de que a maior dignidade não é ambicionar cargos altos, mas “a maior dignidade é a de pertencer à comunidade dos discípulos amados de Jesus Cristo”.³⁷

Esse momento foi muito importante, porque a Igreja se enriqueceu e se fortaleceu, de um lado, mas por outro lado, trouxe grandes conseqüências. A Igreja começou a se organizar e se hierarquizar com grande prejuízo para a comunidade joanina, que guardava a memória de Jesus, onde homens e mulheres construíram juntos novas relações de gênero e puderam viver a experiência do discipulado de iguais, e ao dar esse novo passo, a Igreja apostólica não levou em consideração o discipulado das mulheres, marginalizando-as e eliminando-as permanentemente no seu papel de apóstolas e diáconas. Talvez assim, se entenda melhor o sentido do acréscimo do capítulo 21 no evangelho de João, que segundo Kümmel:

Jo 21 mostra vários contrastes chocantes com os caps. 1-20. Em 21,2 os filhos de Zebedeu, que aliás são omitidos, em Jo de repente aparecem. A cristofania de 21,3ss ocorre na Galiléia, ao passo que o cap. 20 está situado em Jerusalém, em 21,23 a morte do discípulo amado é provavelmente pressuposta, mas em 21,24 ele é declarado o autor de Jo”.³⁸

De acordo com Rubeaux

Neste início do segundo século, o testemunho de Eusébio de Cesaréia, vindo do bispo papias de Hierápolis, datado mais ou menos do ano 125 d.C que afirmava: ‘eu me informava das palavras dos presbíteros, aquilo que disseram André, Pedro, Filipe, Tomé, Tiago, ou João, discípulos do Senhor...’ Para Eusébio existiam dois João, um que era o apóstolo e outro que era o presbítero e que o apóstolo escreveu o evangelho e o presbítero escreveu o apocalipse. Nesse período se tem notícias que no Egito já circula o quarto evangelho, como evidencia o papiro P.52. Possivelmente nessa época a obra já circula completa em outras igrejas, além das da Ásia Menor. A pesca milagrosa se dá na Galiléia, às margens do mar de Tiberíades (21,1). Jesus se faz presente nessa pesca e é o discípulo amado que tem o olhar, a sensibilidade capaz de reconhecer o Senhor. Jesus concede o pastoreio do seu rebanho a Pedro, mas só depois que por três vezes ele manifesta o seu amor a Jesus, a quem ele renegou por três vezes (18,17). Para poder cuidar das ovelhas de Jesus, será preciso amar até ao ponto de dar a vida. A comunidade de Jesus será sempre uma

³⁷ BROWN, 1999, p.171.

³⁸ KÜMMEL, 2009, p. 263.

comunidade em tensão entre Pedro e o discípulo amado, entre a instituição e o carisma.³⁹

No final do segundo século existem testemunhos como o de Irineu de Lião e do Cânon de Muratori que apresentam o quarto evangelho como um escrito aceito pela Igreja e atribuído a João, o apóstolo.

De acordo com Brown, o evangelho de João “é a mais alta cristologia do Segundo Testamento”.⁴⁰

1.2 Localização geográfica

Existem vários lugares possíveis de ser o local de origem do evangelho de João. Bull e outros sugerem ser esse lugar a Ásia Menor, especialmente Êfeso. Kümmel, porém, é da opinião de que é mais provável ter sido escrito na Síria.⁴¹

Embora a origem da comunidade joanina esteja na Palestina, ela se espalhou por várias regiões formando comunidades na Ásia Menor, na Síria, na Macedônia, e na Palestina, nas regiões da Galiléia, da Samaria, da Judéia. Essas comunidades eram formadas por pessoas vindas de diversos grupos como judeus, samaritanos, dos gentios, das mulheres, dos galileus.

1.3 Quem é o discípulo amado?

São várias as correntes de discussão para descobrir quem é o discípulo amado, autor do quarto evangelho.

De acordo com Bull,

a mais antiga tradição sobre a autoria do evangelho de João que chegou até nós é transmitida por Irineu de Lião em seu escrito contra os hereges. Segundo essa tradição, o autor do evangelho é João, filho de Zebedeu, um dos doze discípulos de Jesus, talvez levando em consideração Jo 21,24, o “discípulo a quem Jesus amava”.⁴²

Segundo Brown,

O evangelho chama a atenção para uma testemunha ocular junto à cruz, que aparentemente poderia ser o “discípulo que Jesus amava” (Jo 19,26) e que esse discípulo amado tanto testemunhou como escreveu essas coisas e que Irineu por

³⁹ RUBEAUX, 1989, p.43.

⁴⁰ BROWN, 1999, p. 47.

⁴¹ KÜMMEL, 2009, p. 315.

⁴² BULL, Klaus-Michael. **Panorama do Novo Testamento**. História, contexto e teologia. Tradução de Uwe Wegner. São Leopoldo, Sinodal, 2009.

volta do ano 189 d.C. identificou-o com João, um dos doze, que viveu em Êfeso até a época de Trajano, em torno do ano 98 d.C. Irineu conhecera Policarpo, bispo de Esmirna que possivelmente deva ter conhecido João, um dos filhos de Zebedeu. Porém, atualmente é discutível a veracidade dessas suposições feitas já no século II sobre autorias do século anterior, uma vez que eles estavam mais preocupados com a autoridade que estava por trás do escrito bíblico, que propriamente com o escritor.⁴³

Quem de fato é o Discípulo Amado? Há várias suposições, mas Brown apoiado em outros autores sugere três hipóteses, a saber: a primeira, propõe uma figura conhecida do Novo Testamento, testemunha ocular, que inclui além de João, filho de Zebedeu, outras como, Lázaro, João Marcos e Tomé. O fato de o Discípulo Amado estar presente aos pés da cruz quando os Doze haviam fugido, indica que ele não era um dos Doze. Cullmann também afirma que “o quarto evangelho é o único que fala de um discípulo amado, que, embora sendo íntimo de Jesus, não faz parte necessariamente do grupo dos 12 apóstolos.”⁴⁴ Ora, se o discípulo amado não é um dos doze, então não deve ser também o apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago. Richard diz que “o discípulo amado não é o apóstolo João, irmão de Tiago, filhos de Zebedeu. A identidade do discípulo amado é ser discípulo; sua honra ou título é ser discípulo, não apóstolo”.⁴⁵

Kümmel depois de alguns raciocínios sobre o discípulo amado, afirma, “este tipo de tentativa de identificar ‘o discípulo que Jesus amava’ com João, o filho de Zebedeu, é imprecisa”.⁴⁶

Outro motivo que chama a atenção, é que a comunidade joanina faz a experiência do discipulado de iguais, a autoridade como serviço, onde o maior é aquele que serve e isto não parece coerente com a proposta do apóstolo João que com seu irmão Tiago pedem para Jesus: Mestre, queremos que nos faças o que vamos te pedir. Concede-nos, na tua glória, sentarmos um à tua direita, outro à tua esquerda (Mc 10,35-37). Esse pedido mostra que os discípulos ainda não compreenderam qual é a proposta de Jesus. Jesus então dá a seguir o seu ensinamento, aqueles que governam as nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não será assim, ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. (Mc 10, 42-44).

A segunda hipótese considera o Discípulo Amado apenas um símbolo, criado para indicar o discípulo perfeito, aquele que segue com fidelidade a proposta radical de Jesus, do

⁴³ BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo, Paulinas, 2012, p. 500-501.

⁴⁴ CULLMANN, Oscar. **A Formação do Novo Testamento**. São Leopoldo, Sinodal, 2001, p.36-37.

⁴⁵ RICHARD, 1994, p.20.

⁴⁶ KÜMMEL, 2009, p.303.

amor e serviço aos irmãos e se identifica a tal ponto com o Mestre Jesus, que é capaz de reclinar a cabeça no seu peito.

A terceira hipótese, com a qual Brown diz concordar, é a de que o Discípulo Amado era uma figura secundária durante o ministério de Jesus, mas que se tornou importante na história da comunidade joanina e tornou-se o discípulo ideal, o discípulo amado, o discípulo que compreendeu a proposta de Jesus, de amor e serviço aos irmãos.

1.4 Síntese

Diante de todos esses fatos apontados, quem de fato seria o discípulo amado ou a discípula amada? Considerando que na primeira hipótese, o discípulo amado não é um dos Doze, porque eles haviam fugido, não estavam, portanto presentes junto à cruz, então, não pode ser João um dos doze, além do que João pela sua maneira de se comportar diante dos ensinamentos de Jesus, com a cabeça cheia de desejos de ser um dos primeiros, seus pensamentos não se coadunam com a proposta de Jesus e isso nos leva a pensar em outras figuras possíveis, que estavam aos pés da cruz de Jesus. Uma vez que o discípulo amado de acordo com vários autores como Brown, Richard não é o apóstolo João, se somente as mulheres estavam ao pé da cruz como ficou registrado nos quatro evangelhos, por que não pensar na hipótese de ser Maria Madalena, a discípula amada?

Em Jo 19,25, está escrito que “perto da cruz de Jesus estavam a sua mãe, e a irmã dela, e Maria, a esposa de Cleofas, e também Maria Madalena.” O evangelho de João não registra nenhum outro nome de alguém que estivesse junto à cruz de Jesus a não ser essas mulheres citadas. Além de João, também os evangelistas Marcos, Lucas e Mateus, não registraram a presença de nenhum discípulo homem aos pés da cruz de Jesus. Seria possível um tão grande lapso cometido pelos quatro evangelistas, de deixar de citar um único apóstolo que nessa hora crucial também estava solidário aos pés da cruz de Jesus? Considero isso improvável.

Aí estavam também algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas estava Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé. Elas haviam acompanhado e servido a Jesus, desde quando ele estava na Galiléia. Muitas outras mulheres estavam aí, pois tinham ido com Jesus a Jerusalém. (Mc 15, 40-41)

E ainda em Mateus, “Grande número de mulheres estava aí, olhando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, prestando-lhe serviços. Entre elas estavam

Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu” (Mt 27, 55-56).

Lucas não dá nomes às pessoas que estavam com Jesus em sua derradeira hora, mas registra a presença dos “conhecidos de Jesus, assim como as mulheres que o acompanhavam desde a Galiléia, ficaram à distância, olhando essas coisas”(Lc 23, 49). Mais adiante, registra que “as mulheres, que tinham ido com Jesus desde a Galiléia, foram com José para ver o túmulo, e como o corpo de Jesus tinha sido colocado.” (Lc 23,55).

Como vemos, nenhum evangelista registra a presença de discípulos homens aos pés da cruz. Como surgiu a idéia de que o discípulo amado era um homem, João, se todos os evangelhos omitiram esse fato de que um discípulo homem estaria presente junto à cruz de Jesus? Se pelo menos um discípulo homem estivesse aos pés da cruz, não seria um fato digno de ser registrado? Por que a insistência de que o discípulo amado é João, se ele não estava ao pé da cruz? É provável que no processo de institucionalização da Igreja dentro do modelo patriarcal da época, a figura feminina como discípula amada incomodasse os detentores do poder patriarcal e num processo permanente foram banindo a presença da mulher da história fundante da Igreja. É o que se pode deduzir da afirmação de Richard:

Posteriormente a tradição eclesial identificou o discípulo amado com o apóstolo João para dar ao evangelho uma autoria apostólica e assim resgatá-lo das mãos dos gnósticos que tinham se apropriado dele. Mas no evangelho mesmo nunca se identifica, nem explícita nem implicitamente, o discípulo amado com João, o apóstolo.⁴⁷

Não é o caso de pensar que seria Maria Madalena, a discípula amada? “Segundo os apócrifos, a discípula amada de Jesus é Maria Madalena.”⁴⁸ Alguns autores apontam para essa direção. Seguindo a sugestão de Esther de Boer citada por Farias:

Aos pés da cruz estavam somente Madalena e Maria, a mãe de Jesus [...], Maria Madalena talvez poderia ser o discípulo amado”. Jesus estaria dando a Maria, sua mãe, um novo “filho”, a saber, Maria Madalena. O termo “filho” não significa a rigor ser um homem, pois muitas vezes um termo gramaticalmente masculino, numa sociedade patriarcal como a da Palestina, pode significar também uma mulher.⁴⁹

Madalena tem todos os atributos do discípulo amado, e nada impede que ela seja a discípula amada, se não fosse o peso do sistema patriarcal, machista, que considerava a

⁴⁷ RICHARD, 1994, p.20.

⁴⁸ FARIA, **As origens apócrifas do cristianismo: Comentários** aos Evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003, p.12..

⁴⁹ FARIA, Jacir de Freitas. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero**. Petrópolis –RJ, Vozes, 2010, p.126-127..

mulher de segunda categoria, inferior ao homem, que não podia dar testemunho, então, nessa sociedade, o testemunho dela, não seria considerado verdadeiro. Para que esse discípulo amado que testemunhou essas coisas tivesse credibilidade teria esse título deveria ser atribuído a um homem, no caso, João. Maria Madalena foi a discípula que seguiu Jesus desde a Galiléia e nenhum evangelista registrou qualquer pedido de grandeza que tivesse feito para Jesus. Ela o seguiu pelo amor que dedicou a Ele, amor incondicional, que a fez companheira também na dor e na ressurreição, amor que tomou conta de toda a sua pessoa e de sua vida, de seu pensamento, de seus sonhos e não a deixou dormir, ficou velando, vigiando no jardim onde havia sido colocado o corpo de Jesus. Ao contrário de João, que com Pedro e Tiago, dormiram e não foram capazes de vigiar com Jesus na hora de sua oração angustiada no Getsêmani, mesmo Jesus pedindo por três vezes a solidariedade deles (Mc 14, 33-41).(32). Maria Madalena ficou vigiando ao redor do túmulo onde fora colocado o corpo de seu Senhor e Mestre, sem que isso lhe fosse solicitado, porém por amor e gratuidade, ao Mestre que era a única razão de sua vida.

Conforme o registro do evangelista Marcos, quando Jesus intensifica o seu ensinamento aos discípulos, na caminhada para Jerusalém, ao anunciar por três vezes sua paixão, morte e ressurreição, na cegueira que ainda persistia entre eles, e não lhes permitia compreender os ensinamentos de Jesus. Enquanto Jesus ensinava que “quem quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de todos”, João é um dos que quer uma posição privilegiada: sentar ao lado de Jesus na glória. (Mc 10,43-44). Enfim, alguns episódios dessa natureza sinalizam que João ainda está distante do ideal de discípulo.

Entretanto, qualquer que tenha sido considerado o discípulo amado ou a discípula amada, a comunidade joanina guardou a memória de Maria Madalena, a mulher que viu e falou com o Ressuscitado e foi enviada pelo próprio Senhor Ressuscitado, para anunciar aos seus irmãos, que Ele está vivo e vai se encontrar com eles, e ela testemunhou: “EU VI O SENHOR.” (Jo 20, 18).(34).

2 A MULHER NAS SOCIEDADES DO MEDITERRÂNEO

2.1 A mulher no mundo judaico

Ao fazer referência ao modo de vida das mulheres no cristianismo primitivo, Schottoff alerta para se levar em conta o contexto no qual elas vivem: “Para poder entender a história de mulheres no cristianismo primitivo, é necessário considerar, além dos lados legal e ideológico, também os lados social e econômico das condições patriarcais”.⁵⁰

No mundo judaico, assim como em todo o Oriente Médio, a estrutura social era patriarcal e na região do Mediterrâneo por volta do primeiro século a.C. até o início do segundo século quase nada havia mudado, e a estrutura da sociedade se refletia na família patriarcal, onde o homem continuava sendo o dono da mulher e dos filhos. Mulher, filhos e filhas eram considerados bens e patrimônio do pai de família, assim como escravos, animais e outros bens.

O Judaísmo apresenta características patriarcais dentro de seu contexto histórico mais amplo, contudo, o patriarcado não era algo exclusivo da sociedade e religião judaicas; ele era um sistema vigente em todas as sociedades do Mar Mediterrâneo, vigorando ideológica e legalmente sustentado dentro do sistema romano. O patriarcado romano é de dominação e ocupação geopolítica, de exploração física, sexual e psicológica contra todas as pessoas, de expansão e construção na base do trabalho escravo e da imposição de impostos e tributos. Esse patriarcado é a macroestrutura, dentro da qual se organizará a vida, a convivência e a resistência a partir de microestruturas como a casa, a comunidade, a associação profissional.⁵¹

O patriarcado romano vai impor a sua dominação sobre a macroestrutura política, econômica, social e ideológica por meio da chamada “pax romana”, que vai se refletir na casa, na família, na comunidade, atingindo os mais pobres, especialmente as mulheres e os escravos, considerados bens de uso e de valor de troca.

É dentro desse contexto de opressão exercido pelo império romano sobre os povos dominados que precisamos entender o nascimento do cristianismo, dentro desse patriarcalismo, porque “o patriarcado judeu é o patriarcado de um povo oprimido, buscando sua sobrevivência cultural, social e religiosa dentro de um contexto que lhe é hostil.”⁵²

De acordo com Lohse, a situação econômica dos judeus na Palestina era sempre muito modesta, só alguns poucos grupos de Jerusalém e os latifundiários da Galiléia eram

⁵⁰ SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista** – São Paulo: Edições Paulinas, 2008, p.170.

⁵¹ REIMER, Ivoni Richter. **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.74.

⁵² REIMER, 2006, p. 75.

ricos. A maior parte da população vivia do produto da agricultura, do artesanato e pequeno comércio.

A família judaica vivia em uma casa pequena, que consistia quase sempre em um único quarto sem janela. [...] Como chefe de uma família de ordem patriarcal, o pai tinha dever não só de proporcionar o bem estar exterior de todos os membros da família, como também de instruir os filhos na Lei. Os filhos deviam honrar o pai e a mãe. No Judaísmo, o casamento era um mandamento divino, porque se entendia a ordem do criador de procriar a terra (Moisés 1,28) como instituição divina do matrimônio.⁵³

Juridicamente, a mulher dependia sempre do homem. Antes de casar dependia do pai, com o casamento ficava na dependência do marido.

Geralmente o casamento se dava quando o jovem tinha entre 18 e 24 anos e a jovem entre 12 e 14 anos. Se o noivo morresse antes que se realizasse o casamento, a noiva seria considerada viúva e para dissolver o noivado só seria possível mediante uma certidão de divórcio.

Segundo a lei de Moisés somente o homem podia dissolver o matrimônio, lavrando uma certidão de divórcio, caso encontrasse algo infame ou vergonhoso. O documento devia trazer os nomes do homem e da mulher, mencionar a data e conter a declaração explícita do homem sobre a liberdade da mulher, permitindo-lhe um novo casamento com qualquer outro homem.⁵⁴

Havia posições diferentes quanto a essa questão, enquanto alguns como os seguidores da escola de Shammai achavam que a carta de divórcio só seria possível no caso da mulher cometer alguma infidelidade, já os seguidores de Hillel eram da opinião que não precisaria a mulher cometer infidelidade, bastaria ela não agradar em tudo ao homem, que ele se desgostasse com alguma coisa, isso seria uma vergonha para o homem e já seria motivo para dar a carta de divórcio.

Jeremias diz que:

A mulher que saísse de casa sem ter a cabeça coberta, quer dizer, sem o véu que ocultava o rosto, faltava de tal modo aos bons costumes que o marido tinha o direito, até mais, tinha o dever de despedi-la sem ser obrigado a pagar a quantia que, no caso de divórcio, pertencia à esposa, em virtude do contrato matrimonial.⁵⁵

Na opinião de Lohse, a mulher era subordinada ao homem, não podendo servir de testemunha publicamente diante do tribunal, nem atuar no culto, pois “elas só podiam ir até o pátio das mulheres, e assistiam o culto sinagogaal como ouvintes, sem participação ativa”.⁵⁶ As

⁵³ LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p.137-138.

⁵⁴ LOHSE, 2004, p. 138.

⁵⁵ JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no Tempo de Jesus**. São Paulo, Edições Paulinas, 1983, p. 474.

⁵⁶ LOHSE, 2004, p.138..

mulheres deviam observar todas as proibições da Lei, embora não devessem seguir todos os mandamentos, nem estudar a Lei. O rabino Jehuda, no II séc. d.C fazia diariamente três louvações a Deus: uma por não ter nascido pagão, outra por não ter nascido ignorante e a outra por não ter sido criado mulher, porque a mulher não tinha obrigação de cumprir a Lei, por ser considerada inferior ao homem.

São apresentados vários argumentos sobre a situação da mulher no Judaísmo e alguns se apresentam divergentes. Moracho afirma que a mulher não recebia instrução religiosa, por ser considerada ignorante e incapaz de aprender e compreender a Lei. O rabino Eliezer contemporâneo de Jesus, assim se manifestou: "Quem ensina a Torá à sua filha, ensina-lhe a libertinagem. É melhor queimar a Lei santa do que entregá-la a uma mulher."⁵⁷

Muitos autores pensam dessa maneira, porém há divergência de opiniões sobre o papel da mulher. Enquanto há aqueles, que semelhante ao rabino Eliezer tratam a mulher de maneira tão depreciativa, há os que apresentam outra compreensão, como o rabino Eisenberg:

As mulheres exercem um papel importante nas duas extremidades da vida: no nascimento e na morte [...]. O nascimento é domínio reservado delas. Encontramos na Bíblia, parteiras, mas nenhum parteiro. Cabe a elas, os diversos cuidados com a criança, cuidados esses que vão desde os gestos rituais do nascimento, até uma espécie de registro civil oral: elas proclamam na redondeza o nascimento da criança e o nome de seus pais.⁵⁸

Lohse diz que "para celebrar o culto na sinagoga, deviam estar presentes ao menos dez homens."⁵⁹. Esta posição não é consenso entre os autores, pois alguns e algumas como Reimer, pensam diferente:

Exegetas cristãos que, aliás normalmente criticam a teologia rabínica, baseiam-se numa tendência rabínica a qual diz que, para a realização de culto sabático, é necessário a presença de, no mínimo, dez pessoas, que é o Minjan. A maioria dos exegetas, no entanto, lê esse número dez pessoas, como sendo dez homens, embora outras regras rabínicas afirmem que também menores de idade e mulheres possam participar do minjan.⁶⁰

Para fortalecer esta sua posição, Reimer busca apoio em outro autor, Hengel, que estudou essa temática e procura resgatar At 16,13 ao falar de Lídia e suas companheiras que se reuniam às margens de um rio, fora da cidade, independentemente de homens, sendo encontradas em oração por Paulo e Silas:

⁵⁷ MORACHO, Félix. **Como ler os evangelhos**: para entender o que Jesus fazia e dizia- Paulus, 1994, p. 25.

⁵⁸ EISENBERG, Josy. **A mulher no tempo da Bíblia**: enfoque histórico-sociológico. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 248-249.

⁵⁹ LOHSE, 2004, p. 150.

⁶⁰ REIMER, Ivoni Richter. **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja** – São Paulo: Paulinas, 1995, p.71.

Para muitas cidades existem documentos literários e inscrições que testemunham a existência de um determinado tipo de construção chamada *proseuchê* (= prédio sinagoga) geralmente construída fora da cidade, perto das águas. Segundo todos os outros documentos históricos, os exegetas reconhecem que *proseuchê* era uma construção sinagoga: um local destinado à celebração de cultos sabáticos, reuniões de oração e de estudo da Torá.⁶¹

2.2 A mulher no mundo greco-romano

No mundo greco-romano a situação da mulher era parecida com a da mulher no mundo judaico. Era uma sociedade estratificada e patriarcal que se transformou em uma cultura de dominação que influenciou de maneira decisiva a cultura ocidental.

Segundo Stegemann,

As sociedades antigas da área do Mediterrâneo não estavam marcadas apenas pela diferenciação básica entre estrato superior e estrato inferior (elite e massa). De grande relevância social era igualmente a pertença de uma pessoa ao gênero masculino ou feminino. Essa postura antiga constitui assim um exemplo da percepção antropológico cultural de que o gênero é um constructo social, ou definido socialmente, à medida que as atribuições de papéis e a distribuição de competências entre os gêneros estão inseridas nas condições conjunturais sociais e culturais de uma sociedade.⁶²

A família era patriarcal e essa situação contribuía para a mulher ser ainda mais discriminada e condenada por uma concepção da vida que defendia um determinismo biológico, assimilado como se fosse imposto pelas próprias divindades, pois segundo o pensamento da maioria das pessoas, a mulher na sua constituição biológica já trazia as marcas dessa discriminação, levando a construção dos papéis sociais de gênero, onde a mulher e o homem já nasciam com os seus papéis pré-determinados pelas divindades. Mudar essa ordem seria ir contra a determinação divina e contra a lei natural estabelecida. É o que podemos perceber através de um texto de Xenofonte sobre a economia doméstica (*Oikonomikós*), citado por Stegemann:

Ele distingue determinados conjuntos de tarefas de homens e mulheres, fundamentados como “naturais” ou divinamente estabelecidos: os homens trabalham fora de casa, no campo, lavram, semeiam, colhem, expõem-se ao frio e ao calor, trazendo então para casa o que produziram. As mulheres trabalham em casa, educam as crianças, cuidam de comida e vestuário, administram e conservam os produtos. E para que homens e mulheres tenham condições de executar essas diferentes atividades, os deuses também lhes concederam as respectivas características corporais. Os homens possuem um corpo mais resistente do que as mulheres, que trabalham protegidas pela casa. As mulheres são mais fracas do que os homens e têm um medo natural que as leva a resguardar ciosamente as reservas. Os homens, em contrapartida, são valentes para poder dar conta do recado no mundo exterior.

⁶¹ REIMER, 1995, p.70

⁶² STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang; **História social do protocristianismo**. Tradução de Nélio Schneider, São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo, SP: Paulus, 2004, p.403.

Assim, ‘a divindade, desde o princípio, adaptou a natureza da mulher aos trabalhos e assuntos internos e a do homem aos externos.’⁶³

O pensamento aristotélico tem também essa mesma direção quando diz que,

A providência divina criou os homens mais fortes do que as mulheres, pois o homem precisa defender o lar, a mulher “temerosa” deve cuidar dele. Ela foi, de resto, abençoada com a paciência necessária para o trabalho manual e é responsável pela alimentação das crianças, enquanto que ao homem cabe educá-las.⁶⁴

Em Atenas, a mulher tinha uma situação muito desfavorável em relação ao homem, pois ela “é mantida na parte inferior da casa, no gineceu (de gyné-mulher).”⁶⁵ Em Esparta a situação da mulher já era melhor, elas tinham mais liberdade e participavam nos esportes, na política e nos negócios.

De acordo com Tepedino, “na poesia aparecem mulheres citadas por seus dotes físicos e espirituais. Nas artes é celebrizada sua beleza. As mulheres com posses tinham uma posição independente e um certo peso na vida pública”.⁶⁶

O gênero das pessoas determinava as competências e o seu espaço de atuação, enfim, o seu papel social diferenciado, que provocava graves conseqüências, porque o espaço externo era competência do homem e à mulher era reservado o espaço interno, da casa, da reprodução e criação dos filhos e dos afazeres domésticos. Essa diferenciação nos papéis sociais levava a profundas desigualdades, como podemos observar a seguir, através de um texto de Filo citado por Stegemann:

Praças, reuniões de conselho, tribunais, associações, ajuntamentos de grandes massas de gente e o relacionamento cotidiano a céu aberto, por meio da palavra e da ação, na guerra e na paz, são apropriados apenas aos homens; o sexo feminino, em contrapartida, deve cuidar do lar e permanecer em casa; (...) pois há dois tipos de complexos urbanos, os maiores e os menores: os maiores chamam-se cidades, os menores, casas (oikíai); destes dois, com base na divisão, os homens tem a direção da (politeía), e as mulheres dirigem os menores, as chamadas economias domésticas (oikonomía).⁶⁷

Apesar desse texto trazer essa diferenciação de papéis, Stegemann afirma que na realidade, as mulheres nem sempre seguiam essas determinações e atuavam em diversos contextos do espaço público, em associações, tribunais, e embora excluídas da administração da cidade, elas podiam exercer influência política.

⁶³ STEGEMANN ; STEGEMANN, 2004, p. 415.

⁶⁴ STEGEMANN ; STEGEMANN, 2004, p.415.

⁶⁵ TEPEDINO, 1990, p. 59.

⁶⁶ TEPEDINO, 1990, p.60.

⁶⁷ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p.407.

Na época helenística, o império tomou mais importância que a “casa” e a “polis”. A cidadania passa a não repousar sobre a pertença a uma família e as leis não consideravam mais as mulheres como aquelas que deviam dar nascimento a uma descendência legítima. Assim as mulheres não foram mais definidas unicamente por sua função de reprodutoras em vista a dar herdeiros ao patrimônio da casa, mas tornaram-se elas mesmas proprietárias.⁶⁸

Nessa época muitas mulheres conseguiram sua cidadania devido aos serviços que prestaram à cidade. Segundo Fiorenza, “o paradigma da mulher grega desta época foi Hipparchia, a mulher do filósofo cínico Crato. Ela teve que se defender contra as críticas por participar em simpósios públicos”.⁶⁹

Embora houvesse uma situação que pudesse ser considerada geral, havia exceções, situações diferentes, pois as mulheres gregas, apesar de toda a limitação no âmbito religioso, “assumiam papéis religiosos importantes no âmbito da oikos, especialmente em cultos ligados às deusas e a ritos que diziam respeito às experiências fundamentais da vida: nascimento e morte.”⁷⁰

Apesar de toda a situação de marginalidade que as mulheres viveram em diversas sociedades, parece ser comum que em todas elas, sempre houve mulheres inquietas com essa situação e lutando para se libertar, embora sofrendo críticas e perseguições.

Segundo Reimer,

A construção de nossas identidades femininas e masculinas depende mais da nossa cultura do que da nossa anatomia. Elas vão sendo construídas, assumidas, introjetadas e reproduzidas por mulheres e homens em seus processos de educação, produção e reprodução. Essa construção de identidade pessoal e social é forjada num processo de dinâmicas de relações de poder dentro de estruturas de sistemas patriarcais de subordinação, nos quais os meios de comunicação atuam como fator substancial.⁷¹

2.3 A mulher no Egito

De acordo com informações de Tepedino “A situação da mulher no Egito foi bastante diferente do comum no Oriente. No Reino Antigo, na idade das pirâmides até o fim do período helenístico, (30 a.C), as mulheres possuíam um alto status”.⁷²

⁶⁸ TEPEDINO, 1990, p.62.

⁶⁹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica – tradução João Rezende Costa – São Paulo: Edições Paulinas, 1992.p.89

⁷⁰ STRÖHER, Marga J. **A Igreja na casa dela** – Papel religioso das mulheres no mundo Greco romano e nas primeiras comunidades cristãs – IEPG- EST São Leopoldo –RS – 1996, p.17.

⁷¹ REIMER, Ivoni Richter. O belo as feras e o novo tempo. Rio de Janeiro: Vozes, São Leopoldo:CEBI, 2000, p. 19-20.

⁷² TEPEDINO, 1990, P.58.

Com o fim do Reino Antigo e o surgimento do feudalismo os direitos individuais foram diminuindo, dando lugar aos direitos corporativistas e isso, foi prejudicial para a mulher, pois além de perder a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a mulher passou a ser subordinada ao pai ou ao marido. Parece que essa situação foi mais difícil no campo, porque na cidade as mulheres continuavam a ter um pouco mais independência.

Essa situação melhorou para as mulheres durante o Reino Novo, por volta de 1580 a 1085 a.C., quando então as mulheres recuperaram sua independência e voltaram a exercer funções ao lado de seus maridos.

Com a introdução da 26ª dinastia, por volta de 663 a 525 a.C., houve uma mudança radical na vida das mulheres egípcias, elas adquiriram mais liberdade. O casamento era monogâmico e com pleno consentimento da mulher e do homem e adquiriam as mesmas obrigações e responsabilidades e o divórcio só seria dado por infidelidade de um dos cônjuges. Essa situação durou até a chegada dos Ptolomeus ao poder no Egito. Apesar disso, foi no Egito o lugar onde a mulher teve mais independência, em todo o Oriente.

De acordo com Fiorenza

Na colônia judaica de Elefantine as mulheres partilhavam de plena igualdade com os varões; elas eram alistadas em unidades militares, eram notáveis entre os contribuidores ao fundo do templo e tinham todos os outros direitos dados a mulheres na lei egípcia.⁷³

2. 4 Síntese

Apesar de algumas diferenças de sociedade para sociedade, de uma maneira geral, o patriarcalismo era uma característica tanto da sociedade judaica, como da sociedade greco-romana e egípcia, bem como das sociedades todas da área do mediterrâneo. As diferenciações nos papéis sociais motivadas pelas questões de gênero geraram profundas desigualdades sociais e essas desigualdades estavam fundamentadas não só no fato de uma pessoa ser rica ou pobre, mas também e principalmente por ser homem ou mulher. O gênero em todas essas sociedades determinava os papéis sociais, os espaços. O homem ocupava o espaço público e a mulher ficava no espaço privado, na casa, mas o homem se quisesse dominava todos os espaços, porque ele era o dono e senhor da mulher e dos filhos, da casa. A mulher e os filhos eram considerados bens e propriedade do marido e do pai. A sociedade judaica apresentava

⁷³ FIORENZA, 1992, p. 138.

um instrumento de discriminação da mulher a mais, que era a Lei. Na Lei constavam as leis de pureza que determinavam se a mulher estava pura ou impura. A religião judaica, portanto, continha leis que discriminavam e excluía a mulher em todas as dimensões da sua vida, desde o seu nascimento.

3 A MULHER NO DISCIPULADO DE JESUS

Para falar sobre a mulher no discipulado de Jesus e o seu papel no cristianismo primitivo, faz-se necessário recordar aqui o que foi de fato o cristianismo nas suas origens. Para isso, trago as considerações de Reimer ao se expressar:

Falar de ‘cristianismo primitivo’, significa falar de um movimento de libertação judaico-cristão que abrange tanto o movimento de Jesus quanto as comunidades cristãs dentro e fora da Palestina até o século II. Falar de ‘origens’ deste movimento significa, além de ver diferentes lugares e personagens, captar o conteúdo central anunciado e vivido, observando que este conteúdo – Jesus Cristo é Senhor e Salvador – é a origem primeira de todas as outras origens.⁷⁴

É a partir deste movimento das origens que quero descobrir sempre mais a participação, o comprometimento, enfim, qual foi o papel das mulheres. Ainda seguindo o pensamento de Reimer:

Elas não só foram ‘ouvintes’ do evangelho, mas também ‘praticantes’. Elas não só passaram a crer no Messias Jesus, mas também testemunharam a respeito dele e passavam a formar comunidades a partir deste anúncio e desta fé. Organizavam comunhão e resistência! E isto que era no princípio continuou sendo e foi se expandindo mundo afora. Temos testemunhos aqui e acolá, pró e contra, deste movimento (a partir) de mulheres durante todo o século II.⁷⁵

O evangelho de João em sua primeira conclusão afirma que “Jesus realizou diante dos discípulos outros sinais que não estão escritos neste livro. Esses sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E que, acreditando vocês tenham a vida em seu nome” (Jo 20, 30-31). A comunidade dos discípulos e das discípulas de Jesus guardou a memória de encontros. Encontros marcados, provocados, gerados pela necessidade, pela dor, ausência, busca. Muitos desses encontros aconteceram com e pela presença das mulheres. Foram sinais pelos quais muitos acreditaram nele.

Encontros marcados pela presença, da água, do sangue, do espírito.
 Encontro que apressa a hora na água e no vinho (Jo.2,1-12)
 Encontro no poço que marca a hora da revelação, da universalidade, da quebra de barreiras. (Jo.4,1-42).

Encontro banhado de lágrimas que geram a intrepidez do crer, a empatia do amor, a devolução da vida (Jo.11,1-44).
 Encontro no cheiro do perfume que profetiza, antecipa e, torna-se evangelho da mulher em todo tempo e lugar: lá onde este gesto for rememorado (Jo.12,1-8).
 Encontro aos pés da cruz.

Encontro na oblação e acolhida, no filho ofertado, no filho acolhido, no coração que se torna ventre gerador no sangue e na água (Jo.19,25-37).

⁷⁴ REIMER, 1995, p.45.

⁷⁵ REIMER, 1995, p. 46.

Encontro banhado de lágrimas, de ausência, de procura.

Encontro no terceiro dia, no jardim, o novo casal, a nova aliança.

Encontro com o Ressuscitado que envia a anunciar a vitória da Vida (Jo.20,11-18). Encontros que marcam a hora de desvendar o mistério. Ministério da antecipação da hora, da universalidade, da empatia do amor, da profecia, da gratuidade, da oblação geradora de vida, do anúncio da vitória da vida sobre a morte.⁷⁶

O quarto evangelho guarda a memória de sinais. Embora sejam destacados sete (7) sinais, todos esses encontros mencionados por Frigerio são sinais geradores de crença e de vida, que são os grandes objetivos que orientaram a escrita desse Evangelho, e todos eles aconteceram com a presença operante da mulher.

3.1 Maria nas bodas de Caná

O evangelista narra aqui o primeiro sinal que Jesus realiza. Este texto está repleto de imagens e símbolos, como se apresenta todo o evangelho de João. Ele acontece dentro da “semana inaugural”, no “terceiro dia”, antes de chegar a sua hora. A sua hora é a hora da sua glorificação . É a hora da cruz. Essa hora ainda não chegou. Este foi o princípio dos sinais, “Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os discípulos creram nele” (2,11).

Jo 2,1-11 – Maria em um casamento em Caná da Galiléia. No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. Ora não havia mais vinho, pois o vinho do casamento tinha-se acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não tem mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”. Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser”. (Jo 2,1-5). Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele. Depois disso, desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali, ficaram apenas alguns dias”(Jo 2,11-12).

Em Caná, cidadezinha da Galiléia, não tão longe de Nazaré, acontece um casamento, num ambiente judaico. O casamento era um acontecimento muito importante para as famílias pobres, representava uma expectativa de esperança, de segurança para o pai e mãe que

⁷⁶ FRIGERIO, Tea. Despir o manto... Vestir o avental. Ensaio de eclesiologia da mulher no Evangelho de João. **Estudos Bíblicos** n° 68. Petrópolis: Editora Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p.108-109.

alimentavam o sonho de ver a filha amparada. Era a esperança de uma vida nova, de futuro, com a chegada dos filhos, de continuidade do clã, da descendência e da bênção. Porém, é preciso ter presente, como já foi lembrado acima, que a sociedade era patriarcal e o patriarcalismo perpassava todas as camadas sociais, e nesse sistema social o casamento era um ritual que legitimava a subordinação da mulher ao homem. Por meio desse ato a mulher saía do domínio do pai e passava para o domínio do marido e agora, com o casamento se tornava propriedade do marido e este exercia pleno domínio sobre ela.

O casamento que ocorre em Caná, uma pequenina cidade da Galiléia, aqui analisado, ao que tudo indica, acontece no seio de um grupo social composto de famílias pobres, diferentemente dos suntuosos casamentos que acontecem em Jerusalém ou no âmbito de grupos sociais abastados. A Galiléia era uma região periférica. Poderia ter alguma coisa boa na Galiléia? Esta é uma terra considerada habitada por pagãos; por pessoas tidas como impuras. Parece que o evangelista ao se referir à Galiléia, não tem em mente só um lugar geográfico, mas também o aspecto teológico. Aí Jesus começa o seu ministério.

Maria mãe de Jesus já estava lá, quando Jesus chegou com seus discípulos, certamente foi convidada e foi para ajudar, pois era uma semana de festa, estava lá há dias antes de começar a festa porque as famílias pobres tinham o hábito de ajudar os familiares e conhecidos, no trato com os alimentos para a festa, no serviço de organização da mesa, e da festa em geral, contribuindo com o que se fizesse necessário, inclusive nos imprevistos que poderiam acontecer. Ajudar era um gesto de solidariedade entre os pobres, entre parentes e amigos. Maria estava lá, atenta a tudo, para que não faltasse nada que pudesse tirar a alegria das pessoas na festa, pois o casamento naquela região era um acontecimento muito importante na vida social, inclusive para os pobres.

Foi justamente no casamento, numa cidadezinha pobre e sem expressão, numa sociedade patriarcal, no espaço público de uma festa, onde costumeiramente quem daria ordens seria o homem, que uma mulher subverte a ordem estabelecida e como que responsável pela festa, observa que não tem mais vinho e diz para Jesus: “Eles não tem mais vinho”. Jesus indiferente ao que está acontecendo lhe diz: “Que queres de mim mulher? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Maria também como que indiferente ao que Jesus lhe diz, ordena aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser”(Jo 2, 5). Jesus ordena que encham de água as seis talhas de pedra que serviam para o ritual de purificação dos judeus e Jesus transformou essa água em vinho. Quanto simbolismo! As talhas que serviam para

colocar a água a fim de purificar as pessoas fazem lembrar a lei do puro e do impuro e que quase sempre era a mulher e os pobres de uma maneira geral os considerados impuros. Essas talhas já estavam vazias e sem sentido, já não eram mais capazes de trazer a vida e a alegria às pessoas.

A vida de Maria é presente no mistério da vida de Jesus e embora ela apareça muito pouco nos evangelhos, ela aparece justamente nos momentos de extremo significado da vida de Jesus. Assim, está registrada sua presença em Nazaré, onde é interpelada pelo anjo se ela aceita participar no plano de salvação da humanidade, sendo aquela que dá carne em seu ventre à Palavra que vem a este mundo, no dizer de João. “Faça-se em mim segundo a tua palavra”(Lc 1, 38). A partir da palavra anunciada pelo anjo e aceita por Maria, Jesus vem ao mundo e se faz gente como nós. Chegada a hora, Maria com água e sangue o introduz na vida, vai ensinando, educando, encorajando, guardando e meditando em seu coração tudo o que ela no seu segredo da sua intimidade com o Pai vai descobrindo do Filho, que é o seu filho, mas também é o Filho de Deus.

Em Caná, Maria percebe que é chegada a hora. A hora de fazer o novo acontecer. A hora de fazer Jesus realizar o seu primeiro sinal e ela está ali, atenta, nada passa despercebido, assim como em Belém, chegada a hora, por meio da água transformada em vinho de especial sabor, ela antecipa a hora de sua entrega ao mundo, quando a glória de Deus vai se manifestar e os seus discípulos vão acreditar nele.

Jesus responde à sua mãe: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”. Estas palavras de Jesus para sua mãe tem tido as mais diversas interpretações, entretanto, Jesus não quer repreender ou ser menos elegante com sua mãe, mas ele conhece a estrutura e o pensamento de sua mãe, que conhece a história do seu povo, como bem expressa no Magnificat.

No princípio a Palavra criou o homem e a mulher, imagem e semelhança de Deus, como imagem e semelhança de Deus, a mulher (gynai) foi criada, no entanto, essa mulher carrega em si, um peso que é atribuído só a ela, mulher. João no início do seu evangelho retoma as palavras do início. “No princípio era a Palavra” (Jo 1,1). Jesus vem “fazer novas todas as coisas” (Ap 21,5). Em João, Jesus parece perceber também que chegou a sua hora de resgatar a mulher na sua dignidade original porque no Reino do Pai que já é e ainda será, homens e mulheres são iguais e talvez por isso, em Caná, Jesus chama sua mãe de mulher. É a

mulher que antecipa e faz acontecer a hora. “Foi uma pessoa chamada “mulher“ que criou as circunstâncias da auto-revelação dele no casamento em Caná.”⁷⁷

Portanto, num lugar público, numa festa de casamento, onde é legitimada a subordinação da mulher, numa sociedade patriarcal, uma mulher é protagonista. Fala com autoridade, antecipa a “hora” e introduz Jesus no seu ministério público. Antecipa a hora e ordena que se faça o que Jesus mandar e faz o novo acontecer. É o primeiro sinal que Jesus realizou. Os discípulos creram nele. Estes sinais foram feitos para que os discípulos cressem e crendo tenham a vida em seu nome (Jo 2, 4). É preciso compreender o mistério da hora.

Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá a luz à criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um ser humano” (Jo. 16,21).

A mulher conhece em seu corpo o mistério da “hora”. Ao se encontrarem com Jesus, as mulheres o levam a experimentar a “hora”. E Jesus antecipa sua hora por causa da mulher (Jo.2,4). Anuncia a nova hora ao se encontrar com a Samaritana (Jo.4,21). Identifica sua hora com a hora da mulher (Jo.16,21).

A hora de Jesus é a hora da cruz. A hora em que do seu coração vai jorrar sangue e água. A hora do romper da água e do sangue para dar à luz o novo homem e a nova mulher, para dar à luz a nova comunidade. A hora de Jesus se torna a hora dos discípulos e discípulas amadas. A hora de despir o manto e vestir o avental para ser a comunidade que realiza os mesmos sinais de seu Senhor e Mestre (Jo.13,12-15).⁷⁸

3.2 Maria ao pé da cruz

É o amor materno que se faz oblação. Amor materno que se faz útero que acolhe os filhos gerados pelo Filho. Amor materno que ensina ao coração do Filho a se tornar útero que gera, gesta, dá à luz. “Do coração aberto pela lança saiu sangue e água” (Jo.19,34).

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem Jesus amava , disse à sua mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’. Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe!’. E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa. (Jo 19, 25-27).

Novamente Maria está junto de Jesus, perto de sua cruz, num momento decisivo de sua vida. Maria, a mulher - mãe, assume uma posição relevante na vida de Jesus. Como mulher-mãe, ela lhe dá um corpo, como mulher, ela apressa a hora e o apresenta para a realização da sua missão, para a sua vida pública e agora, a mãe- mulher está presente na sua hora, a hora da sua glorificação. “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te

⁷⁷ BEATTIE, Tina. Redescobrimo Maria a partir dos Evangelhos. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2003. p.118.

⁷⁸ FRIGERIO, 2000, p. 110.

glorifique”(Jo 17,2). O autor do quarto evangelho cita apenas três pessoas junto da cruz de Jesus. É Maria, a mãe de Jesus. Sua irmã, Maria de Cleofas e Maria Madalena. Maria está de pé. O fato de estar de pé é significativo. Indica que ela está consciente do que está acontecendo e com dignidade, está de pé, na atitude de quem apesar da dor e do sofrimento, está pronta para retomar a caminhada como discípula, como seguidora do seu filho, como aquela que por primeiro, introduziu seu Filho no ministério, viu os sinais e acreditou. Maria de pé junto a cruz de Jesus representa toda a comunidade – Igreja, é símbolo da humanidade que se liberta de toda a opressão, que é capaz de denunciar os poderes da morte que mataram Jesus e continuam matando a cada dia milhões de inocentes. Maria de pé junto a cruz é símbolo da nova humanidade que nasce do peito aberto de Jesus, fortalecida na força do seu Espírito, capaz de “derrubar os poderosos de seus tronos”(Lc 1,52), como revela o magnificat, que segundo a Bíblia de Jerusalém, é um cântico “encontrado no ambiente dos pobres, talvez atribuído à Filha de Sião”⁷⁹, porque os pequenos e os pobres são socorridos nas suas angústias e tribulações. Maria continua firme, de pé junto à cruz porque conhece as escrituras, que se confunde com a história de seu povo e ela sabe que Deus é fiel à promessa que fez ao seu povo. Portanto, Maria deixa o exemplo da mulher corajosa, de pé junto à cruz de seu filho, da mulher símbolo de uma nova humanidade fortalecida na luta contra todos os poderes opressores que impedem o florescer da vida plena que Jesus veio trazer à terra. “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”(Jo 10,10).

3.3 A mulher samaritana

Jo 4,1-42 - A mulher Samaritana, uma mulher sem nome, sem prestígio social, sem marido, pois o que tinha não era seu, não era judia, considerada inimiga dos judeus, marginalizada pela sua própria condição de ser mulher e ser samaritana. É preciso conhecer o grau de rivalidade que havia entre judeus e samaritanos, para poder entender o significado desse encontro.

A Samaria não era um caminho obrigatório para ir para a Galiléia. Existia outro caminho, tomando a direção de Jericó e depois acompanhando o vale do rio Jordão, mas Jesus fez questão de seguir pelo caminho que passava pela Samaria.

⁷⁹ **BÍBLIA DO PEREGRINO.** São Paulo: Paulus, 2002, p. 2454. LC, 1,46-56.

Jesus chega à cidade de Sicar onde estava localizado o poço de Jacó. Era meio dia. A mulher samaritana ia ao poço com o seu cântaro, de longe avistou aquele homem, um viajante. Com receio, se aproximou. Quem seria aquele viajante? O que ele queria?

Aquele homem desconhecido estava sentado sozinho à beira do poço. Seus discípulos tinham ido todos à cidade comprar alimento. É importante para João dizer que os discípulos não estavam lá, que a conversa se deu entre Jesus e a mulher que estava sozinha. Jesus diante de uma mulher samaritana, no espaço público, desafiando as estruturas patriarcais da sociedade da época.

Esta cena deixaria qualquer pessoa admirada e não foi diferente com os discípulos, que embora não ousassem perguntar nada a Jesus, certamente ficaram pensando sobre a razão daquele encontro e o que estavam conversando.

Jesus procura um jeito de se aproximar da samaritana: “Dá-me de beber.” (Jo 4,7). Aquele homem judeu pedia água a uma samaritana! Como negar a água da hospitalidade a um viajante, se a hospitalidade era algo sagrado? A água não pode ser negada, mas se pode questionar: como tu sendo judeu, pedes água a mim, uma mulher samaritana? O homem que lhe pede água, pede sem arrogância, sem imposição. Fala de quem pede e espera, fala de quem quer aprender. Jesus aos poucos vai aprendendo como conduzir a conversa para que a samaritana vá interagindo com ele.

Jesus pede água para a samaritana: “dá-me de beber”(4,7). “Jesus declarou sua sede, mas não chegou a beber. Sinal de que sua sede era simbólica; tinha a ver com a sua missão. Essa sede continuou nele, a vida inteira, até a morte⁸⁰ e na cruz na sua última hora repete: “tenho sede”(Jo 19,28). Declarou pela última vez a sua sede e então exclamou: “tudo está consumado”(Jo 19,30). Enfim, realizou a missão que o Pai lhe confiou. “Saí do Pai e volto ao Pai” (Jo).

“Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” (Jo 4,10). “Aquele que bebe desta água terá sede novamente: mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4, 13-14). Diz a mulher: “Senhor, dá-me dessa água.” (Jo 4,15). Jesus ajuda a samaritana a perceber o sentido da água

⁸⁰ MESTERS, Carlos. **Senhor, dá-me dessa água!** – O diálogo da samaritana com Jesus - A Palavra na Vida-CEBI – nº 113 – 1997. p.19.

que ele lhe quer transmitir e perceber que essa água viva é o símbolo da presença invisível do Espírito Santo, presente na vida das pessoas e que, portanto essa fonte de água viva está dentro dela mesma, porque: “Quem bebe desta água vai ter sede de novo. Mas aquele que beber a água que eu darei esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe darei, vai se tornar dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna”(Jo 4,13-14).

A água é um elemento essencial à vida. Foi utilizada como simbolismo muito grande tanto no primeiro como no segundo Testamento, talvez por ser um bem vital e a terra de Israel ser tão carente de recursos hídricos, causando até conflitos entre os servos dos proprietários de poços, como temos referência em Gn 26,15-22.

O poço de Jacó está localizado no terreno que segundo o Gênesis (Gn 33,19) Jacó comprou em Siquém e nesse local ergueu um altar e construiu um poço que deixou como herança para sua descendência. Este poço com suas águas oriundas do sistema patriarcal embora seja a memória e um símbolo do tempo das tribos, já não são mais capazes de saciar as sedes da mulher samaritana. Ela tem sede da água viva do reconhecimento de sua dignidade de mulher, do resgate de sua memória histórica, de povo há séculos discriminado, resgate de tudo o que lhe foi negado. São tantas sedes a saciar. E agora é chegado o momento. Jesus está à sua frente e então compreende-se porque ele precisava passar pela Samaria. É um encontro profundamente humano e ao mesmo tempo teológico.

“Vai buscar teu marido” (Jo 4,16).” “Não tenho marido”. “Disseste bem, não tens marido, já tiveste cinco e o que agora tens não é teu marido” (Jo 4,16-18).

Neste encontro junto ao poço de Jacó, a samaritana recupera sua memória histórica, sua identidade. Cinco maridos, cinco povos com seus deuses e seus altares, uma referência aos povos trazidos para a Samaria, por ocasião da invasão da Assíria ao reino do Norte (2Rs 17,24-34). Recupera a memória das matriarcas do Primeiro Testamento, mulheres que encontraram seus maridos à beira de um poço. Israel que era uma terra com tanta dificuldade de água, encontrar uma fonte, era sinal de vida, de esperança. Assim foi para Agar, assim foi para tantas mulheres. O poço como fonte de água é o lugar do encontro, do matrimônio, da aliança. Junto ao poço Rebeca encontrou Isaac (Gn24,11ss); Raquel encontra Jacó (Gn 29,2ss); Séfora encontra Moisés (Ex 2,15-22). Agar quando vagava pelo deserto de Bersabéia com seu filho Ismael fugindo de Sara, menino já prestes a morrer, ela vê uma fonte que lhe devolveu a esperança de viver (Gn 21,14.19). A esta fonte ela chamou de “Beer-Lahai-Roi “Poço para o Vivente que vê”. Esta fonte pode ter existido e estaria localizada no deserto da

Judéia, mas também, pode ser como diz Milton Schwantes: “uma fonte que está num lugar desconhecido, para que esteja em todo lugar. Cada fonte é parte desta fonte.(...)”.⁸¹ É o lugar da revelação de Deus, O Deus da fonte, do poço, é o Deus que vê, que ouve, que tem compaixão e desce para libertar e devolver a vida onde ela estiver ameaçada.

A mulher samaritana vai buscar água para os seus afazeres cotidianos. Quantas vezes não terá ido buscar água naquele poço? O poço também fala de corpos, corpos que amam, que sofrem, que são discriminados, violentados fisicamente e violentados pela mais sutil das violências, que é a violência simbólica. Lembra corpos prostituídos e desfigurados de mulheres, de crianças e adolescentes, de jovens e idosos, que vagam pelas ruas de nossas cidades, que passam por nós.⁸²

“Senhor, vejo que és um profeta. Nossos pais adoraram sobre esta montanha. E vocês judeus dizem que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar”(Jo 4, 19-20).

Jesus disse: ”Crê mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai.[...] Mas vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.”(Jo 4, 21.23.24).

“Vem a hora e é agora.” A mulher mais uma vez no evangelho de João faz acontecer a hora, ajudando assim Jesus a realizar a sua hora messiânica.

Jesus revela àquela mulher que Deus não tem um lugar geográfico determinado onde deva ser adorado, mas agora, o verdadeiro templo é o corpo de Jesus ressuscitado presente na comunidade dos que crêem, nos pobres e marginalizados, nas mulheres, crianças, idosos e doentes. “Neles está o primeiro santuário de Deus; no amor e no perdão que restaura a vida e quebra as divisões está o espaço privilegiado de encontro e adoração ao Deus da vida.”⁸³

A mulher lhe disse: “Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo”, disse-lhe Jesus: “Sou eu, que falo contigo”. (Jo 4,25-26).

À mulher samaritana, Jesus se revela como a fonte de água viva e o Messias prometido. “Esse Messias Sou Eu”. Nele as esperanças do povo se realizaram. Sou Eu, o Deus do Êxodo, que ouve o clamor dos pobres, que conhece seus sofrimentos e que desce para libertar (Ex.3,7-8).

⁸¹ SCHWANTES, Milton. Deus vê, Deus Ouve! São Leopoldo, RS: Oikos, 2009, p. 98.

⁸² SOUSA, Maria da Conceição E. **O papel da Mulher no Cristianismo Primitivo a partir da Samaritana.** Monografia – EST – São Leopoldo, 2011, p.30.

⁸³ MAZZAROLO, Izidoro. “**Nem aqui, nem em Jerusalém**” – O evangelho de São João . Rio de Janeiro - RJ Mazarolo Editor, 2001, p.85.

“A mulher deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?’ ‘Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro’ (Jo 4, 28-30).

“Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: ‘Ele me disse tudo o que fiz!’”(Jo 4, 39).

Sobre esses versículos do evangelho de João, Fiorenza faz a seguinte reflexão:

Da mesma forma como André chama seu irmão Pedro ao discipulado de Jesus dizendo-lhe: “Encontramos o Messias”(Jo 1,40-42), assim também o testemunho da mulher motiva os samaritanos a virem a ele (4,39). Da mesma forma que Natanael se torna discípulo porque Jesus sabia o que ele fizera sob a figueira (1,46-49), assim também a mulher se torna uma discípula e testemunha porque “me disse tudo o que fiz” (4,29). Em 17,20, frisa-se que Jesus não ora apenas pelos discípulos, mas também “pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim”. Usando quase as mesmas palavras, 4,39 afirma que, “muitos samaritanos creram nele” por causa da palavra da mulher que dava testemunho.⁸⁴

De forma semelhante, podemos observar na oração de despedida de Jesus, onde João apresenta Jesus orando por aqueles que hão de acreditar nele pela pregação de seus discípulos “Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles.”(Jo 17,20). Este versículo pode ser aplicado não só aos discípulos homens, mas também às discípulas mulheres e neste caso, à mulher samaritana, que levou muitos samaritanos a acreditarem em Jesus por meio de sua palavra.

Jesus ao falar aos seus discípulos que os campos estavam maduros para a colheita e que ele os enviou para colher aquilo que eles não semearam Jo 4,38 certamente é uma referência ao trabalho missionário da mulher samaritana e que vem mostrar a importância do papel da mulher” na fundação da Igreja.⁸⁵

O encontro de Jesus com a mulher samaritana à beira do poço de Jacó é uma postura revolucionária de Jesus, no sentido de que quebra tabus, rompe barreiras até então intransponíveis, barreiras sociais, ideológicas, religiosas que discriminavam a mulher. É uma afronta à sociedade patriarcal que discriminava a mulher enquanto categoria social considerada inferior, e à religião judaica que com o seu legalismo radical penalizou a mulher com as regras de pureza e impureza. Esse encontro foi repleto de um simbolismo muito grande: Jesus num espaço público, falando sozinho com uma mulher considerada de reputação duvidosa, samaritana, fazendo teologia e tornando-a missionária para o seu povo, tem muita coisa a ensinar para nós mulheres e para os homens que sonham com novas

⁸⁴ FIORENZA, 1992, p.374-375.

⁸⁵ BROWN, 1999, p.199.

possibilidades de convivência, com novas relações sociais, de gênero, de etnia, enfim, de igualdade na diversidade.

3.4. Marta

A ousadia de mulher que quando ama rompe barreiras, preconceitos, penetra no âmbito considerado como exclusivamente masculino, ocupa espaços, assume, exercita o poder dando-lhe novo sentido: o sentido da vida. Exercita o poder e a diaconia à serviço da vida.

Nos evangelhos não aparece nenhum registro de que Marta e sua irmã, Maria, tenham seguido Jesus na sua caminhada itinerante pelas cidades e vilas da Palestina, entretanto, ficou registrado nos evangelhos, o seguimento delas no discipulado de Jesus, no compromisso, na acolhida amiga, na hospedagem em sua casa, para o descanso das caminhadas exaustivas da sua vida missionária itinerante. A casa de Marta e Maria era o lugar de repouso, o oásis, onde recuperava suas forças, para continuar suas andanças. Betânia, era a casa das discípulas e do discípulo que Jesus amava, pois como nos diz João: “Jesus amava Marta, e sua irmã e Lázaro” (Jo 11,5).

Marta recebe de Jesus a grande revelação: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Crês nisso? Disse ela: Sim Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. (Jo 11, 25-27).

É a profissão de fé de uma mulher que reconhece em Jesus o Filho de Deus, o Messias enviado a este mundo para realizar as promessas de Deus. “Marta capta a revelação de Jesus antes mesmo de ver o sinal que revela seu poder sobre a morte, manifestado na ressurreição de Lázaro.⁸⁶ Sua confissão de fé no evangelho de João é no mesmo nível da confissão de fé proferida por Pedro, em Cesaréia, narrada no evangelho de Mateus (Mt 16,16). As comunidades chamadas Apostólicas mencionadas nos Sinóticos atribuem a Pedro a profissão de fé e reconheciam em Pedro a sua liderança, enquanto que para as comunidades joaninas, Marta é modelo do discipulado que tinha nela a sua liderança, porque é ela que faz a proclamação de fé em Jesus Messias.

⁸⁶ LOPES, Mercedes. A confissão de Marta, São Paulo: Palunias, 1996, p.66.

Comparando as diversas profissões de fé registradas nos evangelhos, Mercedes Lopes citando Martin Scott demonstra que “a confissão messiânica de Marta expressa a plena fé apostólica e revela o papel importante que tinha Marta na comunidade joanina”.⁸⁷

Segundo Brown, não se tem muita informação a respeito de cargo eclesiástico no quarto evangelho, porém, um único texto pode referir-se diretamente a isto, é Jo 12,2, que diz que:

Marta servia à mesa (diakonein). Falando em narração do ministério de Jesus, parece não ter muito significado, mas para o evangelista que está escrevendo já na década de 90, quando a função de diáconos (diakonos), já existia nas igrejas pós-paulinas e quando a tarefa de servir à mesa era uma função específica para a qual a comunidade ou seus chefes designavam pessoas impondo-lhes as mãos (At 6, 16). Na comunidade joanina a mulher poderia exercer uma função que em outras igrejas era função de pessoa ordenada.⁸⁸

3.5 Maria

Maria, irmã de Marta e Lázaro, da comunidade dos discípulos amados e das discípulas amadas, que senta aos pés de Jesus para ouvir a sua palavra e aprender seus ensinamentos. Ela é o exemplo da verdadeira discípula. Também com ela Jesus tem uma prática que quebra a lógica da sociedade daquela época, onde só os homens podiam ser discípulos e se sentar aos pés do mestre, como foi o caso de Paulo que se sentou aos pés de Gamaliel para estudar a Lei. O discipulado de mulheres é uma das características da comunidade joanina, que procuravam viver o discipulado de iguais, com fidelidade à proposta de Jesus, uma proposta alternativa à proposta patriarcal excludente. Jesus chamou ao seu discipulado homens e mulheres e estas tornaram-se discípulas exemplares.

Maria é a discípula que unge Jesus com nardo puro. “Unuiu com o perfume os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos e a casa se encheu com o perfume” (12,3). Esse gesto tão bonito, que se reveste de tão grande simbolismo acontece no aconchego da família daqueles “que Jesus amava”, na casa de Maria, Marta e Lázaro, num momento alegre e festivo de um jantar, em Betânia, lugar onde Jesus ia com frequência, onde certamente compartilhavam os assuntos das suas jornadas missionárias e naquele momento se transformava num refúgio para ele, pois havia aqueles que tramavam já a sua morte. Esse gesto de Maria foi registrado e guardado com carinho pela comunidade joanina, como um gesto profético que se tornou Boa Notícia a ser anunciada ao mundo inteiro e que Jesus,

⁸⁷ LOPES, 1996, p.76.

⁸⁸ BROWN, 1999, p.197.

chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, o repetiu em sua última ceia, pois ele “que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”(13,1)

3.6 A mulher que ungiu Jesus

"Amor sem medida: quebra o vaso, derrama o bálsamo, perfuma a casa inteira. Cheiro que chega até nós hoje e nos perfuma. Cheiro que anuncia, profetiza a radicalidade, do amor".⁸⁹ “Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus”. (Mc 14,3).

O evangelista Marcos, registra que dois dias antes da Páscoa, uma mulher anônima unge a cabeça de Jesus preparando-o assim para a sepultura, reconhecendo nele o Messias, pois este é o gesto com que se unge o enviado de Deus.

Segundo Tepedino a unção na cabeça era feita pelos profetas na hora de entronizar os reis. Portanto, o ato feito pela discípula anônima é um sinal-ação profético reconhecendo Jesus como Messias. As mulheres ao seguir Jesus, ao conviver com ele, ao observar seu modo de agir e ao escutar suas palavras vão percebendo sua identidade e o reconhecem como o Messias esperado. “Elas com sua sensibilidade e intuição são as primeiras a reconhecê-lo, e timidamente, simbolicamente o proclamam, ungiundo-o na cabeça como se fazia aos reis”.⁹⁰

Muitos criticaram essa ação, “mas Jesus disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou uma boa ação para comigo” (Mc 14,6). E Jesus continuou: “Ela fez o que pode: antecipou-se a ungir-me para a sepultura. Na verdade, sempre tereis pobres convosco e, quando quiserdes, podeis lhes fazer o bem, mas a mim nem sempre tereis” (Mc 14,7). E ainda: “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Mc 14, 8-9). Essa ação foi tão importante para Jesus, que ela será boa nova proclamada ao mundo por onde o evangelho for anunciado.

Em Mateus, a cena se repete: estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa. Vendo isto, indignaram-se os discípulos. Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou

⁸⁹ FRIGERIO, 2000, p.109.

⁹⁰ TEPEDINO, 1990, p.110.

boa ação para comigo, pois derramando este perfume sobre meu corpo meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento. Em verdade vos digo: onde for pregado, em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua (Mt 26,6.8.10.12-13).

Uma mulher de nome desconhecido unge a cabeça de Jesus na casa de Simão, em Betânia, dois dias antes da Páscoa. Jesus diz: “[...] por toda parte, onde esta Boa Notícia for pregada também contarão o que ela fez, e ela será lembrada.” (Mt 26,6-13). No evangelho de Mateus, o gesto dessa mulher fará parte da boa nova proclamada ao mundo.

O mesmo ocorre no evangelho de Lucas, porém desta vez, a cena acontece na casa de um fariseu e a mulher é considerada pecadora pública, porém, esta é uma cena penitencial situada na Galiléia, onde uma mulher pecadora chora aos pés de Jesus e unge-os. Assim como em Marcos e em Mateus, a unção está situada na casa de Simão. “Em nenhum relato evangélico a agente é Maria Madalena, não obstante a imaginação artística subsequente”.⁹¹

A mulher lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugou com seus cabelos, beijou e ungiu com perfume. Jesus lhe diz que seus pecados são perdoados porque seu amor foi muito grande. Em Lc essa mulher não tem nome também, é identificada com o adjetivo de pecadora, mas Jesus enaltece o seu grande amor.

Para João, a cena acontece em Betânia, seis dias antes da Páscoa, na casa de Marta, Maria e Lázaro - as discípulas e o discípulo que Jesus amava. Maria, a discípula amada, ungiu os pés de Jesus, com nardo puro, perfume caro. (Jo, 12, 1-7). Jesus achou o gesto dessa mulher tão importante, que o repetiu na última ceia, deixando-o como o maior sinal de serviço e de pertença ao Reino, ao dizer a Pedro. “Se não me deixares te lavar os pés, não terás parte comigo (Jo 13,8). Jesus aprendeu este gesto com uma mulher e quis que ele fosse lembrado para sempre. Esse gesto que Jesus aprende, acolhe e valoriza, é o gesto dos pequenos, dos excluídos, discriminados, daqueles que não contam nada para a sociedade.

De acordo com Elisabeth Fiorenza no seu livro que tem como título “Em memória dela”, citado por Tepedino,

Marcos apresenta três grandes figuras em seu evangelho: Pedro, Judas e a mulher anônima que ungiu Jesus. Causa espécie que o nome daquele que traiu Jesus seja conhecido, enquanto que o nome da fiel discípula é esquecido. A razão provável talvez seja porque é mulher. Reconhecer Jesus e proclamá-lo o Messias torna esta mulher anônima o paradigma do verdadeiro discípulo que sabe quem é aquele a quem segue. Neste caso a mulher é qualificada de discípula por seu conhecimento de

⁹¹ BROWN, 2004. p. 479.

Jesus como Messias assim como Bartimeu ao chamar Jesus de Filho de Davi. (Mc 10,46-52).⁹²

O gesto dessa mulher deve ter sido tão significativo para a comunidade que ela guardou com carinho a sua memória e Jesus fez questão de associá-lo à proclamação da Boa Nova. Esse relato da unção provavelmente seja histórico, pois os quatro evangelhos registraram esse gesto.

Observa-se mais uma vez, a atenção que o Evangelho de João dispensa às mulheres. Aqui, a mulher que unge Jesus, não é anônima, nem pecadora, é Maria, é a mulher amiga. Ela tem nome e dignidade, é uma discípula amada de Jesus, que o unge com perfume de nardo puro, perfume de excelência, para o seu sepultamento, num gesto profético, reconhecendo nele o “Ungido” de Deus.

A unção nos mostra a mulher discípula realizando consciente ou inconscientemente o ato profético de reconhecer Jesus como Messias. Este fato aprofunda a realidade do discipulado da mulher. Elas seguiam Jesus, vivendo no serviço, atentas às suas ações e às suas palavras, e através dessa convivência descobrem sua identidade e professam a nível simbólico-profético que aquele Jesus era o Messias esperado de Israel.⁹³

João coloca as mulheres em seu evangelho em lugares relevantes e estratégicos, tão grande é a importância que ele lhes dá e o simbolismo aí contido. No início do evangelho, duas mulheres, uma, Maria, apressa a sua hora e lhe apresenta à comunidade, introduzindo-o em sua vida pública, para que a glória de Deus se manifestasse nele e os discípulos e discípulas acreditassem, a outra, a samaritana, a ela ele se revela como o Messias, o Salvador do mundo e ela se torna discípula, missionária. No centro do evangelho, duas mulheres têm um papel relevante, uma, Marta, professa a sua fé dizendo que ele “é o Cristo, o Filho de Deus que vem a este mundo” e a outra, Maria, o unge para a sepultura reconhecendo nele o Messias. No fim do evangelho está presente a mulher, Maria, que o introduziu no seu ministério público e que agora se torna a mãe da Igreja nascente e a outra, Madalena, a discípula amada, recebe o primeiro anúncio da ressurreição e é enviada a anunciar e testemunhar: “Eu vi o Senhor”.

⁹² TEPEDINO, 1990, p.109-110.

⁹³ TEPEDINO, 1990, p.111.

3.7. Maria Madalena

Maria Madalena, testemunha da ressurreição, discípula enviada pelo Mestre para anunciar a Pedro e aos demais discípulos que ele havia ressuscitado, é chamada de apóstola dos apóstolos nos primórdios do cristianismo, fizeram-na desaparecer enquanto liderança feminina da igreja primitiva.

Maria Madalena foi submetida a uma violência simbólica que roubou sua identidade, desconsiderando sua importância nas origens do cristianismo. Estigmatizada como a pecadora arrependida, a verdade de seu ser foi substituída por uma mentira que se fixou de forma tão nociva na tradição cristã, nos conscientes e nos inconscientes, que sua verdadeira essência se perdeu no tempo. Para devolver a essa figura sua verdadeira identidade, é preciso desconstruir sua história e reconstruí-la a partir dos poucos, porém valiosos dados a seu respeito.⁹⁴

Considerando a dificuldade dentro do sistema patriarcal de serem reconhecidos o testemunho, o discipulado e apostolicidade das mulheres no cristianismo primitivo, Osdol cita o exemplo de

Maria Madalena de quem a igreja se lembra não por seu papel decisivo de ser a primeira apóstola, enviada com o kerigma – a mensagem das boas novas: ‘Cristo Vive, ressuscitou’. Sua ‘fama’ de prostituta foi inventada séculos depois para desacreditar e diminuir o testemunho, a liderança, o poder, a palavra e o ministério de Maria Madalena, a primeira apóstola.⁹⁵

Embora os evangelhos canônicos não dêem a interpretação clara e esperada sobre Maria Madalena, eles deixam brechas que nos apontam para a importância que essa mulher teve no Movimento de Jesus e na Comunidade Primitiva. Na ordem das mulheres que acompanharam Jesus desde o início de seu ministério na Galiléia, citadas pelos evangelhos sinóticos, seu nome vem sempre na frente e é citado 12 vezes nos evangelhos.

Mc 15,40-41 – “E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém”.

Mt 27, 55-56 – “Estavam ali muitas mulheres, olhando de longe. Havia acompanhado Jesus desde a Galiléia, a servi-lo. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu”.

⁹⁴ NAGATOMO, Priscila C. Maria Madalena – Uma perspectiva feminina das Origens Cristãs - São Paulo: Editora Reflexão, 2008, p.58.

⁹⁵ OSDOL, Judith Van. **As mulheres e a graça:** Releituras bíblicas de mulheres latino – americanas – Sinodal / CLAI, 2008, p.34.

Lc 8, 1-3 – Ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze o acompanhavam, assim com algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras, que o serviam com seus bens.

Madalena esteve no seguimento de Jesus desde o início do seu ministério na Galiléia. Ter o nome registrado por primeiro e andar com Jesus desde o início, tem um significado muito especial e já justificaria o seu título de apóstola. Estes dados levam a perceber a importância de Madalena no ministério de Jesus e a sua liderança apostólica, feminina, no grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus. Ela é a única mulher citada pelos sinóticos em primeiro lugar, acompanha Jesus desde o início, e é a primeira, a ver o Senhor Ressuscitado. O fato de Maria Madalena estar presente aos pés da cruz de Jesus, no sepultamento, ser a primeira a ir ao túmulo na manhã da Páscoa, a primeira a encontrar o túmulo vazio, a ver o Senhor Ressuscitado e a receber dele o mandato, a missão de ir anunciar aos discípulos que Ele está vivo, evidencia a sua relação com Jesus e a sua liderança na comunidade primitiva.

O quarto Evangelho registra a presença de três mulheres ao pé da cruz: “A mãe de Jesus, a irmã da mãe dele, Maria de Cléofas e Maria Madalena estavam junto a cruz (Jo 19,25). Encontramos registrado nos textos bíblicos que Madalena foi duas vezes ao túmulo. Quando, na primeira vez constata que o túmulo está vazio, ela sai correndo e vai chamar os discípulos. Pedro e João foram ao túmulo ver, mas depois retornaram para casa. Ela porém, volta ao túmulo pela segunda vez e aí Jesus Ressuscitado aparece para ela e lhe dá a missão de anunciar aos seus irmãos que Ele estava vivo. Ela recebe de Jesus a revelação de que Ele sobe ao céu e agora, pela sua morte e ressurreição, seu Pai se torna nosso Pai, passamos a fazer parte de sua família. Ao enviá-la, Jesus lhe dá uma missão de anunciá-lo como ele mesmo havia anunciado o Pai. (Jo 4,38 e 20,17) e como havia enviado os apóstolos, portanto, Jesus lhe confiou uma missão apostólica.

Segundo Tepedino citando Fiorenza, o evangelho apresenta Maria Madalena como a discípula fiel, de três maneiras:

1 Jesus chama “mulher” e pergunta: a quem buscais? O verbo grego *zetein* (buscar) tem um rico significado para a comunidade joanina que conhecia seu sentido técnico de se engajar nas atividades do discípulo.

2 Ela conhece Jesus no momento em que ele a chama pelo nome. Na parábola do Bom Pastor (Jo 10,3-5), o quarto evangelista compara os discípulos com ovelhas que conhecem a voz do pastor quando ele as chama pelo nome. Assim como o pastor dá a vida por suas ovelhas, Jesus o bom pastor amou os seus até o fim. Maria Madalena é caracterizada como sua discípula, porque Jesus a chama pelo nome e ela reconhece sua voz.

3 A sua resposta é de uma verdadeira discípula: “Rabbuni”, (segundo Brown) que é o título Rabi que o discípulo dá ao mestre.⁹⁶

Segundo Tepedino,

Os textos da paixão/ressurreição são como textos de nascimento. Maria Madalena faz a passagem da morte de Jesus à sua ressurreição. Como uma parturiente ela dá à luz a Boa-Nova: Jesus vive! Os textos falam do nascimento da comunidade cristã. Ela faz a gestação da comunidade dos discípulos. E coloca no mundo a possibilidade de “ser discípulo”.⁹⁷

No decorrer dos séculos, uma história tão bonita se transformou numa grande confusão. Confundiram Maria Madalena com a pecadora arrependida de Lucas (7,33-38), com a mulher adúltera (Jo 8,2-11), com a mulher que ungiu os pés de Jesus (Jo 12,3).

Segundo Tepedino citando Moltmann,

Se efetuou sob influência de mentalidades patriarcais a mais dramática das deformações da história na Europa Ocidental. Maria Madalena foi transformada em monstro exemplar e em pecadora modelo porque sua história única, comovente e privilegiada, oferecia à imaginação possibilidades de representações descontroladas. No entanto, continua ela, a assimilação destas três mulheres da Bíblia era desconhecida dos Padres dos começos da Igreja (por exemplo, Irineu, Orígenes, São João Crisóstomo). Eles honravam Maria Madalena como ‘apóstola dos apóstolos’. parece que a confusão destas três mulheres remonta a Agostinho e se fixa com as homilias do papa Gregório Magno ao redor do ano 600, que associa numa só imagem a pecadora arrependida, a ardente Maria de Betânia e a amante Maria Madalena.⁹⁸

Tepedino comentando o fato da primeira aparição de Jesus ressuscitado ser para Maria Madalena, diz que:

Num mundo patriarcal com categorias androcêntricas deve ter sido muito difícil aceitar que uma mulher tivesse a primazia de ser a primeira testemunha do túmulo vazio, a primeira testemunha da ressurreição, a primeira enviada pelo Senhor ressuscitado. Tal situação deve ter provocado bastante conflito na igreja primitiva como nos atestam os evangelhos apócrifos⁹⁹

Faria ao comentar o texto de Lucas sobre Madalena, que Jesus havia tirado sete espíritos lembra que os números na Bíblia têm um sentido simbólico e que o número sete é o número perfeito, completo, então Jesus curou essa mulher de todas as forças do maligno que poderiam impedi-la de caminhar com Jesus, e depois disso, ela nunca mais vai deixar Jesus e lhe será fiel até a morte.

⁹⁶ TEPEDINO, 1990, p. 106-107.

⁹⁷ TEPEDINO, 1990, p.107.

⁹⁸ TEPEDINO, 1990, p.107.

⁹⁹ TEPEDINO, 1990, p. 108

Se as outras mulheres que aparecem no segundo Testamento são sempre associadas ao seu marido, filho ou casa (Maria, mãe de Jesus; Maria, mulher de Cléofas, etc), Madalena aparece nos textos sem esse parentesco. Ela vem sempre unida ao nome de Jesus. Jesus é o único homem que define a pessoa de Madalena.¹⁰⁰

Madalena é a mulher que busca, que procura água viva para saciar suas sedes. Mulher que não se ajusta aos padrões impostos pela sociedade patriarcal da época, que marginaliza a mulher e a transforma em objeto de posse e de prazer, e ao encontrar Jesus encontra todas as respostas para suas inquietações, sua proposta de libertação a fascina. Seu jeito de ser e de se relacionar com as pessoas, principalmente com as mulheres a deixa de todo apaixonada e essa mulher apaixonada por Jesus, não tem mais outro sonho a não ser seguir apaixonadamente o Mestre e se comprometer com o seu projeto de salvação e libertação para as pessoas.

No decorrer dos séculos a figura de Maria Madalena sofreu vários tipos de discriminação, de injustiças e inverdades que levaram ao erro histórico de identificá-la como uma mulher prostituta, a mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus em Lucas, a mulher adúltera a ser apedrejada no evangelho de João, a Maria irmã de Marta e Lázaro, que segundo João, ungiu os pés de Jesus, etc. Muito se fala de sua vida, porém, essas injustiças são fruto de uma mentalidade machista e doentia que permanentemente procurou silenciar e esconder o papel e o protagonismo da mulher na história do cristianismo primitivo.

Os estudos sobre os cristianismos primitivos estão descobrindo e valorizando a literatura apócrifa do segundo testamento, como escritos que apesar de não terem entrado no cânon do Segundo Testamento, eles são de grande importância como preservação da memória histórica para aprofundar muitas questões que não estão devidamente esclarecidas até hoje. Entre os livros apócrifos, o evangelho de Maria Madalena escrito no sec.II., mais ou menos por volta do ano 150, “foi encontrado em vasos enterrados perto de um mosteiro, no Alto Egito, em uma localidade chamada Nag Hammadi, em sua versão copta”¹⁰¹ trazem luzes no resgate dessa história que está na origem do cristianismo.

Hoornaert comentando o Evangelho segundo Maria Madalena traz algumas pistas interessantes para o debate, ao dizer que a grande autoridade de Maria Madalena, neste evangelho, provém de suas visões e sonhos.

¹⁰⁰ FARIA, Jacir de Freitas. **As origens apócrifas do cristianismo** – Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. Série Teologias Bíblicas, nº 16. Edições Paulinas, São Paulo, 2003, p. 125.

¹⁰¹ FARIA, 2003, p.136.

Estamos aqui diante do fenômeno da mística, a procura da valorização da palavra feminina dialogante e não autoritária que se contrapõe à confusão de Babel, ou seja, das linguagens do poder nas quais, ninguém entende ninguém porque não se escuta um ao outro. A palavra visionária de Maria Madalena no início da História da Igreja inaugura a corrente do misticismo que está em posição dialética diante das correntes autoritárias no decorrer de toda a história da Igreja.¹⁰²

Misticismo aqui entendido segundo Certeau, que define a mística como “a procura de uma linguagem dialogal do “eu” para o “tu” dentro de um mundo repleto de discursos autoritários e ao mesmo tempo como uma aprendizagem na arte de escutar o “outro” num mundo que só quer falar, convencer e doutrinar.

Numa sociedade marcadamente patriarcal, machista, esse autoritarismo se reflete também no mundo religioso, na disputa do poder entre aqueles que embora tenham recebido o ensinamento do Mestre de que “o maior é aquele que serve”(Jo), poderia ser conveniente usar algo diferente que pudesse romper com essa lógica do poder. Neste sentido, as visões e os sonhos presentes no Evangelho de Maria Madalena, apontam para um ensinamento místico, escondido, revelado somente àqueles que têm o coração aberto para acolher a mensagem do Reino. Nesse sentido, é válida a reflexão de Certeau citada por Hoonert: A presença feminina no mundo apostólico predominante e mesmo exclusivamente masculino só pode ser uma presença mística, no sentido que é um convite contínuo ao abandono do jogo do poder, não só entre os homens, mas entre todos.¹⁰³

Sua presença é muito forte, principalmente nos acontecimentos finais da vida de Jesus, como sejam sua paixão, morte e ressurreição, que os quatro evangelhos deixaram registrado o seu nome, assim como de outras mulheres. O nome de Maria Madalena é citado por primeiro nos evangelhos sinóticos.

É importante perceber como Marcos registrou a participação das mulheres no seguimento de Jesus. Muitas mulheres seguiram Jesus e o serviram na sua itinerância missionária na Galiléia e outras subiram com ela a Jerusalém. Essas mulheres galiléias são portadoras da Boa Nova de Jesus na Galiléia e aí ao redor dessa boa nova formaram comunidades. Outras mulheres subiram a Jerusalém e ficaram acompanhando Jesus de longe na hora extrema de sua dor e são elas as verdadeiras testemunhas oculares desses últimos acontecimentos da vida terrena de Jesus e da sua ressurreição, porque os discípulos homens haviam fugido.

¹⁰² HOORNAERT, Eduardo. **A Memória do Povo Cristão**. São Paulo: Vozes, 1986, p.234.

¹⁰³ HOORNAERT, 1986, p.235.

E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém. (Mc 15, 40-41).

Grande número de mulheres estava aí, olhando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, a servi-lo. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu. Ora, Maria Madalena e a outra Maria estavam ali sentadas em frente ao sepulcro (Mt 27,55-56.61).

É interessante ver o relato de Mateus sobre esses mesmos acontecimentos. Ele segue na mesma linha de Marcos, mas registra que é um grande número de mulheres que acompanham Jesus e novamente Maria Madalena é citada por primeiro e registra que ela e a outra Maria ficaram sentadas em frente ao sepulcro. Será que haveria prova maior da participação das mulheres no seguimento de Jesus, na sua doação, no seu testemunho?

[...] Ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras, que o serviam com seus bens (Lc 8,1-3).

E ainda:

Maria Madalena e Maria, mãe de Joset observavam onde ele fora posto (Mc 15,47); Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungi-lo. (Mc 16,1); As mulheres, porém, que tinham vindo da Galiléia com Jesus, haviam seguido a José, observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado. Em seguida, voltaram e prepararam aromas e perfumes. (Lc 23,55-56); Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro (Mt 28, 1).

O autor do quarto evangelho conservou apenas o nome destas mulheres: Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas e Maria Madalena (Jo 19,25). Será que estavam presentes outras pessoas? E se houvesse um discípulo homem, ele esqueceria de registrar?

Madalena aparece nos quatro evangelhos, isso evidencia a importância que ela teve no Movimento de Jesus, o quanto ela foi discípula e seguidora apaixonada pelo seu mestre, quanto ela foi amada por Ele a ponto de ser a primeira pessoa a fazer a experiência da sua Ressurreição e enviada por primeiro a anunciar aos seus irmãos homens, que o Senhor ressuscitou: “eu vi o Senhor” (Jo 20, 18). Maria Madalena é depositária da revelação de que com a morte e ressurreição de Jesus nós entramos na sua família, porque seu Pai é o nosso Pai também. (Jo 20,17).

Jesus a transformou na grande apóstola da sua Ressurreição. As primeiras comunidades cristãs com muita razão a chamavam de Apóstola Apostolorum. A ela e às

outras mulheres enquanto grupo, Jesus deu a incumbência de anunciar aos discípulos que ele ressuscitou: “Eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: ‘Alegrai-vos’. Elas aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele. Então Jesus disse: ‘ Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá me verão’”. (Mt 28, 9-10).

João registra em seu evangelho os nomes das mulheres galiléias, inclusive, Maria Madalena junto à cruz enquanto Jesus ainda está vivo. Registra ainda a presença de pessoas, cujos nomes ele nunca anuncia, é a mãe de Jesus e o discípulo a quem Jesus amava. Quem seria esse discípulo que Jesus amava?

Madalena, a mulher testemunha da Ressurreição.

Jesus foi sepultado num sepulcro novo que ficava dentro de um jardim. (Jo 19,41). “Maria Madalena, vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro.” (Jo 20,1). Essas palavras de João nos levam a compreender a paixão, o zelo de Madalena por Jesus. Enquanto a cidade dormia, o ódio de alguns parecia acalmado, essa mulher não podia dormir, inquieta, ansiosa, na escuridão da noite procurava o seu amado, aquele a quem dedicara os últimos anos de sua vida, acreditara na sua palavra, na sua proposta e agora, os sistemas que matavam, mataram-no também e já estava chegando o terceiro dia. Ela vai ao túmulo e descobre que ele está vazio. Ela avisa Pedro e outro discípulo que Jesus amava e logo volta para ficar junto do túmulo. O Evangelho de João diz que os discípulos vieram ao túmulo ver, mas “depois voltaram para casa” (Jo 20,10).

Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Os anjos lhe perguntaram: Mulher por que choras? Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram. Jesus lhe diz: Mulher, por que choras? A quem procuras? (Jo 20,13-15).

Esta cena nos remete a uma outra, que está no livro do Cântico dos Cânticos. (3, 1-4). A mulher de Cantares, a Sulamita, não consegue dormir, ansiosa, levanta-se e sai pela noite, à procura do seu amado.

Em meu leito pela noite, procurei o amado de minha alma. Procurei-o e não o encontrei! Vou levantar-me, vou rondar pela cidade, pelas ruas, pelas praças, procurando o amado de minha alma. Procurei-o e não o encontrei. Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade: vistes o amado de minha alma? (Ct 3,1-4).

O túmulo está num jardim. Lá fora na cidade, estão os guardas, soldados, o poder opressor que matou Jesus e que oprime e violenta as mulheres, inferiorizando-as e

rebaixando-as na sua própria dignidade de mulheres, tornando-as impuras pela imposição de leis. Era o mesmo poder opressor que na época da Sulamita, oprimia e violentava as mulheres, pois esse livro foi escrito no pós-exílio onde os projetos de reconstrução para o povo desconsiderava a mulher de uma maneira geral e principalmente as mulheres estrangeiras que deveriam ser expulsas com suas crianças para não atrapalhar o sistema de pureza da lei judaica e o exercício da função dos homens no templo.

Essas duas mulheres, Madalena e Sulamita, rompem as barreiras dos preconceitos de sair sozinhas, à noite, no espaço público, de tomar a iniciativa no amor, de sair à procura do amado, pois isso, numa sociedade patriarcal, era competência do homem, à mulher cabia ficar no interior da casa, e reprimir suas emoções e seu amor. Se na cidade o ambiente é hostil, no jardim reina a profunda harmonia da natureza, com a primavera que chega e se enfeita de cores com as flores, os pássaros, o vento, enfim, é a natureza que se reveste de alegria, naquele ambiente de uma ausência que se torna presente pelo amor, pela confiança na palavra do amado, nas lágrimas que se tornarão alegria, pela ausência que se tornará presença em breve, nessa madrugada fria que vai se aquecendo, se iluminando, pela presença do Amado, que vem chegando, como sol que ilumina a escuridão da noite e aclara, desanuvia o coração, a imaginação, expulsa o medo, assim como “no princípio”, na manhã primeira da Criação, quando apenas o caos e as trevas cobriam o abismo, o Espírito de Deus pairava sobre as águas fecundando a vida e juntamente com a Palavra tudo criou (Gn 1,1-2), assim também agora, a Palavra (Jo 1,1) faz surgir uma nova criação. “Mulher por que choras? Mulher a quem procuras? (Jo.20,15-16).

Neste Jardim que não é mais túmulo, mas é o lugar do encontro, Maria, a mulher que chora, busca o seu Senhor, escuta a voz, e Jesus, o Mestre, vivo, Ressuscitado, se revela, Maria! E ela responde: Rabbuni! Meu Mestre! A busca incessante do bem amado termina no encontro - testemunho: “Eu vi o Senhor!” (Jo 20,26). No jardim, “em Jesus ressuscitado, Deus se une à humanidade simbolizada pela Mulher - Maria Madalena. Eles formam o novo casal desse mundo novo criado na luz e na glória da Páscoa nova”.¹⁰⁴

¹⁰⁴ RUBEAUX, 1989, p.40.

3.8 Síntese

Dentro do sistema patriarcal que discriminava e excluía as mulheres e determinava o modo de vida delas, a participação das mulheres no discipulado de Jesus foi fator determinante de libertação e vida nova para elas e para outras mulheres. No ministério público de Jesus, houve muitos encontros com mulheres, motivados pelas mais diversas circunstâncias, e em todos eles, elas tiveram a ousadia e a coragem de abrir o coração à proposta de Jesus, algo tão novo e tão diferente do que elas tinham visto e ouvido até então. Jesus tem uma postura contrária a todo mecanismo de opressão, discriminação e exclusão das mulheres. Foi uma postura revolucionária, até então nunca vista, de subverter a lei, quebrando barreiras e preconceitos, normas seculares implantadas pelo sistema patriarcal e pela religião judaica e anunciando uma nova hora. No encontro com Jesus as mulheres também sempre tiveram uma postura de protagonismo. Ele as toca e se deixa tocar por elas, conversa e reflete com elas sobre vários assuntos e em lugares públicos, como fez com a samaritana e as mulheres levam Jesus a realizar os sinais e as pessoas acreditam nele. Maria faz Jesus antecipar a sua hora, à samaritana ele revela “esse Messias SOU EU, à Marta, “EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA”, à Maria e as mulheres que lhe ungiram promete que o seu perfume, seu gesto, será Boa Nova a ser proclamada pelo mundo inteiro, Madalena se tornou testemunha primeira da sua ressurreição. Portanto, precisamos resgatar a história dessas mulheres, purificar o nosso olhar de todo o androcentrismo que transmitiu um olhar deturpado e incompleto da história originária do cristianismo. Reclamar a história cristã primitiva como passado próprio de mulheres e insistir em que a história de mulheres é parte integrante da historiografia cristã primitiva, isso “implica na busca de raízes, de solidariedade com nossas primeiras irmãs, e, enfim, da memória de seus sofrimentos, suas lutas e sua força como mulheres.”¹⁰⁵ . A história dessas mulheres da comunidade joanina tem muito a dizer e ensinar a nós mulheres e aos homens de hoje que estamos no discipulado de Jesus, que é preciso ter a coragem de lutar contra todos os mecanismos de opressão, de discriminação e subordinação da mulher em todos os níveis e ter a audácia de reconstruir a história do cristianismo, a verdadeira história, onde mulheres e homens procuraram construir coletivamente novas relações e viver o discipulado de iguais, na comunidade das discípulas amadas e dos discípulos amados. A comunidade joanina traz também uma interpelação e um desafio às

¹⁰⁵ FIORENZA, 1992, p.17.

nossas Igrejas, que se abram à inclusão da mulher como protagonistas na evangelização, formação e sustentação das comunidades e não considerá-las como meras ajudantes , pois se a Boa Nova se difundiu e continua a se difundir até hoje é graças ao trabalho incansável das mulheres, a partir da casa.

CONCLUSÃO

Tendo realizado o trabalho de pesquisa sobre os textos bíblicos e a literatura a respeito do tema “O papel da Mulher no Cristianismo Primitivo: uma leitura do Quarto Evangelho” foi possível sistematizar alguns aspectos sobre a exclusão da mulher da literatura bíblica do cristianismo primitivo e ao mesmo tempo tentar construir uma leitura do quarto Evangelho, privilegiando a participação da mulher no discipulado, considerando sua situação de missionária, discípula e protagonista no processo de anúncio da Palavra e na organização das primeiras comunidades cristãs. Pode-se concluir o que segue.

O movimento de Jesus se inicia no contexto de sociedades marcadas pelo patriarcado. Aqui foi analisada a realidade do patriarcalismo na Palestina, na sociedade Greco romana e no Egito. Todas essas formações sociais na antiguidade tinham como característica o domínio masculino na esfera econômica, política, social e religiosa. O movimento de Jesus, embora tenha surgido nesse contexto, representou uma nova forma de perceber o papel da mulher na sociedade e a literatura joanina registra essa nova forma de pensar a ação feminina e a relação da mulher com a sociedade em geral.

Foram aqui estudados alguns aspectos importantes da vida de algumas mulheres como Maria, Mãe de Jesus, a Mulher Samaritana, Marta e Maria (as duas irmãs de Lázaro), a Mulher que ungiu Jesus (Maria irmã de Lázaro); e Maria Madalena, a discípula amada. A partir da leitura de alguns aspectos da vida dessas mulheres se construiu uma perspectiva histórica que tenta devolver às mulheres a função de discípulas, missionárias e protagonistas do anúncio de novas relações sociais no movimento de Jesus.

Entre essas mulheres que romperam com o sistema patriarcal, gostaria de lembrar Maria, a mãe de Jesus, a discípula que antecipa a “hora” e que está sempre atenta às necessidades das pessoas e sempre pronta a servir, principalmente aquelas que são mais pobres. Ela teve a coragem de dizer: “Façam o que ele mandar”(2,5).

Assim também a mulher samaritana que à beira do poço teve a coragem de conversar com um homem judeu, sabendo que não era permitido, porque ele era judeu e ela samaritana, um homem e uma mulher conversando a sós, fugia às normas daquela época e daquela sociedade, tanto que causou estranheza aos discípulos.

Maria a mulher discípula que senta aos pés de Jesus para ouvir seus ensinamentos, isso é inconcebível, numa sociedade patriarcal onde os mestres da Lei só tinham discípulos homens e que teve a coragem de ungir os pés de Jesus com perfume caro, no meio de tantos discípulos homens que a censuraram.

Marta, servindo a todos, certamente o seu serviço era diaconia na comunidade dos discípulos e das discípulas amadas. A ela Jesus se revela como a “ressurreição e a vida” e dessa mulher, Jesus ouve uma das mais bonitas e expressivas profissões de fé: “Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”(Jo 11,25-27).

A mulher que nos evangelhos sinóticos unge Jesus, é anônima e está em contextos diferentes, porém o gesto delas será boa nova a ser anunciada e a memória do que elas fizeram será lembrada.

Madalena, que não se tem notícia de que ela dependia ou estava ligada a algum outro homem. Ela deixou tudo para seguir Jesus desde a Galiléia até a hora suprema da cruz e da ressurreição de Jesus, em Jerusalém e o seu nome está ligado unicamente à pessoa de Jesus.

Essas mulheres ajudaram a antecipar e acontecer a hora, elas viveram a diaconia e fizeram a diferença no movimento de Jesus e na formação das primeiras comunidades e, a mulher no serviço da hora que transforma a água em vinho tornando a festa mais festa e trazendo a alegria do vinho novo. A Samaritana no serviço da universalidade, do crer e do amar que bebe no poço da água viva. Marta no serviço da intrepidez, da ousadia que faz a a confissão: Tu és o Cristo. Maria no serviço do bálsamo derramado, boa notícia de mulher até hoje. A mãe, a mulher no serviço da oblação que oferece e acolhe o filho. Maria Madalena no serviço da busca, do encontro, do reconhecimento, do testemunho, do anúncio.

Essas mulheres não só fizeram a hora acontecer, mas são testemunhas em sua própria vida, do novo que vai nascendo, das novas relações que vão construindo no caminho do discipulado na comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus. Elas são:

Testemunhas da festa como vinho novo, bom e abundante
 Testemunhas da alteridade, reciprocidade, parceria universal na água viva
 Testemunhas da ressurreição na empatia das lágrimas, na intrepidez, na ousadia das palavras como em Betânia
 Testemunhas da Boa Notícia da mulher no bálsamo derramado que ensina, profetiza e perfuma até hoje
 Testemunhas da oblação, do amor, da glória através do sangue e água como aos pés da cruz
 Testemunhas da vida que vence a morte na busca, no reconhecimento, no envio, no anúncio como no jardim

Testemunhas no Espírito e com o Espírito, porque espírito, água e sangue estão presentes na vida da mulher, por isso o Senhor as escolheu para serem as primeiras testemunhas da vida que vence a morte, escolheu-as para ser apóstolas, para dizer aos seus discípulos: Ele vive, para anunciar a Ressurreição.¹⁰⁶

O quarto evangelho guarda a memória do discípulo amado. Para muitos autores, o discípulo amado é a comunidade, para outros, o discípulo amado é João, porém no estudo aqui desenvolvido há evidências de que o discípulo amado é uma figura feminina, pois, no momento da crucifixão e morte de Jesus, estão ao pé da cruz, apenas algumas mulheres, “a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena” (19,25), pois todos os discípulos homens haviam fugido com medo dos judeus. Nesse momento, segundo o quarto evangelho, Jesus se dirigiu à sua mãe, e, pronunciou “mulher, eis o teu filho” (19, 26) e olhou para o discípulo amado e falou: “ eis a tua mãe”(19, 27). Esse episódio é interpretado na literatura joanina como se essa afirmação dirigida ao discípulo amado fosse direcionada ao apóstolo João. De acordo com a afirmação deste evangelho é improvável que isso tenha acontecido, uma vez que João não estava presente ao pé da cruz. Portanto, essa frase só pode ter sido dirigida à uma figura feminina e sobretudo, à Maria Madalena pois seu nome em toda a literatura joanina e nos evangelhos sinóticos, está relacionado exclusivamente a pessoa de Jesus, diferentemente da outra Maria que por exemplo está relacionada a Cléofas. É Maria Madalena que assiste toda a tragédia da paixão e morte e que está presente até o momento da ressurreição.

Entre os estudiosos da presença feminina no cristianismo primitivo há aqueles que afirmam que a mudança de gênero do discípulo amado, de Maria Madalena para o discípulo João estaria relacionada à necessidade de dar credibilidade ao testemunho e autoria do quarto evangelho para que este fosse aceito pela grande Igreja apostólica.¹⁰⁷ Após a pesquisa aqui realizada conclui-se que o fato da autoria do quarto evangelho e o status de discípulo amado ter sido atribuído a um discípulo masculino, o apóstolo João, está dentro do contexto da grande Igreja apostólica que se institucionalizou como uma organização patriarcal e como tal, teve a necessidade de banir permanentemente a figura feminina do seio da Igreja. É nesse sentido, que se pode compreender a campanha para desqualificar Maria Madalena como discípula amada e apresentá-la como a prostituta arrependida.

O quarto evangelho apresenta Jesus ressuscitado que aparece a Maria Madalena e a envia para anunciar a sua aparição aos discípulos. De fato, o quarto evangelho narra além da

¹⁰⁶ FRIGERIO, 2000, p. 111.

¹⁰⁷ FARIA, Jacir de Freitas **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos**: uma leitura de gênero, 4.ed. Petrópolis RJ, Vozes 2010

aparição à Maria Madalena, mais duas aparições aos discípulos, uma sem a presença de Tomé e outra com a presença de Tomé, há, porém, um acréscimo, uma segunda conclusão, o cap. 21 que “é um epílogo sobre o Discípulo Amado com diferenças estilísticas e até imitação desajeitada dos capítulos anteriores”¹⁰⁸, que faz a narração da pesca milagrosa. Nesse epílogo, consta a narração da pesca milagrosa e um diálogo detalhado entre Jesus ressuscitado e Pedro, onde Pedro é interpelado por Jesus por três vezes sobre o seu amor por ele e por três vezes Pedro afirma que ama Jesus, assim, por três vezes Jesus afirma: “apascenta as minhas ovelhas”, pois para tomar conta, cuidar, alimentar as ovelhas de Jesus, tem que ter um grande amor, a ponto de entregar a própria vida, enfim, tem que ser um discípulo amado, talvez a finalidade deste acréscimo seja eclesial devido a relação da comunidade do discípulo amado com a grande Igreja sob a liderança de Pedro. Na conclusão deste epílogo há a seguinte afirmação: “Esta foi a terceira vez que Jesus ressuscitado dos mortos apareceu aos discípulos”(21,14). Ora, a primeira aparição, descrita no quarto evangelho, foi à Maria Madalena. Essa aparição foi propositalmente excluída da conclusão do texto acrescentado na segunda conclusão do quarto evangelho, o que se pode deduzir que desde aquele momento já ocorria um processo de exclusão e escamoteamento da presença feminina, e sobretudo de Maria Madalena da literatura bíblica.

Em que pese o esforço de minimizar e esconder a presença feminina na liderança do cristianismo primitivo, os estudos de mulheres e homens comprometidos com a reconstrução da história do movimento de Jesus recoloca a importância da Mulher no discipulado de Jesus de Jesus e na organização das primeiras comunidades cristãs. E entre essas mulheres está a figura de Maria Madalena, a primeira testemunha da ressurreição de Jesus.

A ressurreição de Jesus representa a vitória de Deus sobre o Império Romano, o templo, o patriarcado, a violência institucionalizada e toda forma de opressão que gera morte. No princípio, Deus com sua Palavra criou a humanidade, Mulher e Homem, na liberdade, na igualdade e em perfeita harmonia com a natureza. Ela e ele ouviam as pegadas e a voz de Deus. O Senhor Deus passeava no Jardim do Éden à brisa do dia (Gn 3,8). Era a criação primeira. Agora, Como na manhã da primeira da criação, Madalena e Jesus ressuscitado encontram-se no jardim, no primeiro dia da nova criação. Início de um novo tempo. Ela ouve e conhece a voz do Mestre. E lá, no novo jardim, transfigurado, cheio de glória, imortal e

¹⁰⁸ KONINGS, 2000, p. 420.

eterno, envia Madalena para que anuncie aos discípulos e discípulas que aparecerá na Galiléia. É o novo começo do novo tempo.

REFERÊNCIAS

- ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento – São Paulo: Paulus, 1997
- BEATTIE, Tina. Redescobrimo Maria a partir dos Evangelhos. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo. Paulus, 2009.
- Bíblia do Peregrino**, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada** , Edição Pastoral, Edições Paulinas, S. Paulo, 1990.
- Bíblia** : Novo Testamento Interlinear – Grego – Português – Vilson Scholz e Roberto G. Bratcher – Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, 2004.
- BOFF, Leonardo. **A Ave Maria. O feminino e o Espírito Santo**. São Paulo. Vozes, 2009
- BROWN, Raymond E. – **A comunidade do discípulo amado** – São Paulo, Paulus, 1999.
- _____. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo, Paulinas, 2012
- _____. **As Igrejas dos Apóstolos** – São Paulo – Paulinas – 1986.
- BULL, Klaus-Michael – **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia/Klauss-Michael Bull; Tradução de Uwe Wegner – São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- CULLMANN, Oscar . **A formação do Novo Testamento** – São Leopoldo – Sinodal – 2008 – 11ª edição.
- EISENBERG, Josy. **A mulher no tempo da Bíblia**: enfoque histórico-sociológico. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FARIA, Jacir de Freitas. **As origens apócrifas do cristianismo** – Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. Série Teologias Bíblicas, nº 16. Edições Paulinas, São Paulo, 2003.
- _____. **O Outro Pedro e a Outra Madalena Segundo os Apócrifos** – Uma leitura de gênero – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica – tradução João Rezende Costa – São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. **Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica Feminista-** tradução Mônica Ottermann- São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

FRIGERIO, Tea. Despir o manto, vestir o avental. **Estudos Bíblicos**, nº 6 Belém-PA, 2012.

HOORNAERT, Eduardo. **A Memória do Povo Cristão**. São Paulo: Vozes, 1986

JEREMIAS, Joaquim . **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário – tradução de M. Cecília de M. Duprat – São Paulo: Edições Paulinas, 1983.**

KONINGS, Johan . **Evangelho segundo João: amor e fidelidade – Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo,RS: Sinodal, 2000-** (Comentário bíblico)

KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. Paulus, 1988 – 4ª edição, 2009.

LADISLAO, Maria Glória. **As mulheres na Bíblia – São Paulo: Edições Paulinas, 1995.**

LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. 2ª edição- São Paulo : Paulinas, 2004.

LOPES, Mercedes. **A confissão de Marta: leitura a partir de uma ótica de gênero-** São Paulo: Paulinas, 1996.

MAZZAROLO, Izidoro. Editor . “**Nem aqui, nem em Jerusalém**” – O evangelho de São João .RJ . 2001.

MESTERS, Carlos. **Senhor, dá-me dessa água! – O diálogo da samaritana com Jesus- A Palavra na Vida- CEBI, nº 113, São Leopoldo: RS, 1997.**

MORACHO, Félix. **Como ler os evangelhos: para entender o que Jesus fazia e dizia-** Paulus, 1994.

NAGATOMO, Priscila C. **Maria Madalena – Uma perspectiva feminina das Origens Cristãs - São Paulo: Editora Reflexão, 2008.**

OSDOL, Judith Van. **As mulheres e a graça**. Releituras bíblicas de mulheres latino-americanas – Sinodal, São Leopoldo: RS / CLAI, Quito: Peru, 2008.

REIMER, Ivoni Richter. **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. **O belo e as feras e o novo tempo**. RJ: Vozes. São Leopoldo: CEBI, 2000.

_____. (Org). **Economia no mundo bíblico - Enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora (Quarto Evangelho e Cartas de João. In: **Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana**. n. -1994/1.

_____. Pluralidade de tradições no Novo Testamento e seu contexto histórico. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla, 59, Petrópolis: Vozes, 2008.

RUBEAUX, Francisco. As raízes do Quarto Evangelho. In: **Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana**. n. 22 1995/3

_____. **Mostra-nos o Pai**: uma leitura do quarto Evangelho – Série: A Palavra na vida, n. 20, CEBI. 1989.

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.

SOUSA, Maria da Conceição E. **O Papel da Mulher no Cristianismo Primitivo a partir da Samaritana** – Monografia – EST – São Leopoldo –RS – 2011.

STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo** - tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo,SP: Paulus, 2004.

STRÖHER, Marga J. **A Igreja na casa dela** – Papel religioso das mulheres no mundo Greco romano e nas primeiras comunidades cristãs – IEPG- EST São Leopoldo –RS – 1996.

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. São Leopoldo: Clai/Sinodal,2004.

TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis. Vozes, 1990.

THEISSEN, Gerd. **O Novo Testamento**. Tradução de Carlos Almeida Pereira, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.